

Ernesto Martins Faria

Garotos Também Amam

SUMÁRIO (8 primeiros capítulos)

Prefácio · 3

De Repente Exposto e Vulnerável · 5

1. Amando? · 6
2. Flávia Diniz · 18
3. “É verdade?” · 28
4. Max e Flávia finalmente · 39

Dias Inesquecíveis e Indescrevíveis – “Nossos Dias” · 51

5. Uma legítima namorada · 52
6. Quase perfeito · 61
7. As primeiras adversidades · 75
8. Altruístas · 82

Prefácio

Ela era a grande alegria da minha vida. Não grande amor, amor não se mede, não se compara. O amor pelos nossos pais, por exemplo, tem outra dimensão, outras características, e eles são tão importantes quanto qualquer pessoa que possa surgir nas nossas vidas. Os momentos dentro da escola eram muito melhores que os momentos fora, teoricamente de descanso, de folga e que poderiam ser mais agradáveis. Na escola desfrutava da companhia de Flávia.

“Com qual blusa ela vai amanhã? Tudo bem que eu gosto de todas... a jeans, a coloridinha, a rosa... Nossa, mas ela ficou tão linda com aquela viseirinha na aula de educação física! Eu tenho de me mostrar inteligente, falar bem quando estiver ao seu lado.” Durante vários meses eu vivi pensando nela, desfrutando pequenos momentos, algumas conversas, algumas imagens e inesquecíveis sorrisos. E seria mágico se aquilo avançasse, mas mesmo naquela situação de apenas colegas, amigos, eu já me satisfazia. Era bom viver a expectativa pelo dia seguinte e vibrar com coisas pequenas.

Neste livro os personagens não são reais, embora dois deles, Carina e Flávia, recebam os mesmos nomes das pessoas que os inspiraram. Muitos dos fatos também são completamente fictícios. No entanto, os sentimentos que expresso através de Max são reais. Eu não tive a sorte de viver momentos maravilhosos com a “minha Flávia”, que, como se pode perceber pelas palavras acima, foi uma grande paixão na minha vida, mas Max os viveu com a “sua Flávia” nesta história, e através dela quero compartilhar como é para um garoto se envolver sentimentalmente com alguém.

Escrever esta história gerou em mim muita nostalgia, muita reflexão, muitos sorrisos, algumas lágrimas... Foi uma terapia. Busquei entender o que a história com a Flávia representou para mim, como poderia ter sido se tivesse feito algumas coisas e procurei transmitir alguns valores que construí durante a minha vida. E escrevendo tive a certeza de que ainda hoje eu a amo, só que de uma forma diferente. Hoje carrego em meu peito um carinho, que se parece com um amor fraternal.

Enfim, Garotos Também Amam é uma obra que mistura ficção com realidade, sendo uma adaptação bem modificada de um romance que representou muito para mim e que fez com que a existência do amor representasse a grande razão de eu gostar de viver.

De Repente Exposto e Vulnerável

Se você não consegue entender o meu silêncio de nada irão adiantar as palavras, pois é no silêncio das minhas palavras que estão todos os meus maiores sentimentos.

Oscar Wilde

Amando?

Uma noite do outono de 2008

Carlos aguardava ansiosamente a chegada de Max até que o som de um entrelaçar de chaves foi aos seus ouvidos de forma a lhe dar algum alívio. Alívio não somente, analogamente sentia-se como um paciente que havia marcado uma consulta com seu médico em determinado horário e o via chegando ao consultório médico cerca de uma hora mais tarde. O rapaz estava ali na sala há mais de uma hora a espera do amigo embora nada tenham combinado de conversar os dois. Era uma quarta-feira à noite e, então, naquele momento o levantar do sofá de Carlos conflitava com o movimento da mão direita de Max para abrir a porta. Seu amigo mal adentrou a sala e Carlos já o dirigiu a palavra:

— Caramba meu, você demorou hein?!

— Estava fazendo um trabalho em grupo na faculdade. — respondeu Max.

Max e Carlos dividiam um apartamento em São Paulo, onde o primeiro cursava faculdade de Letras e o segundo de Direito. São amigos desde o ensino médio onde estudaram juntos no conceituado colégio Pereira Couto, localizado em Monte Mabel, interior de São Paulo.

— Eu queria te contar uma coisa.

— Fale.

— Que merda meu, você com essa mania de usar o imperativo na terceira pessoa: fale, diga, venha. Ninguém fala assim. — brincou Carlos esbanjando um sorriso no rosto.

Esse foi um tema que virou motivo de brincadeira entre os dois. Em uma conversa quando estavam entrando na faculdade, a cerca de três anos, Max falou a Carlos que todas as pessoas cometem erros na conjugação do imperativo mesmo sabendo a conjugação correta. Desde um jardineiro até um médico, praticamente todos na

“língua falada” dirigem pedidos a outras pessoas – nem que seja somente algumas vezes – conjugando em segunda pessoa (tu) quando um diálogo se decorre em terceira (você / ele). O rapaz até brincou falando que somente as pessoas da região sul do país poderiam usar palavras como fala, pega, beija, deixa, etc. para fazerem pedidos. Por fim, nesta conversa, ele disse que tentaria falar corretamente – embora achasse estranho – já que iria cursar a faculdade de Letras. Seu amigo achava isso extremamente desnecessário.

— Vá, fale logo.

— Vá, fale, que escroto.. É vai e fala porra! Você não está numa entrevista de emprego. — seguiu brincando Carlos, irritando um pouco seu amigo.

— Quer me contar algo ou não? — perguntou Max em tom mais sério do que quando iniciou a conversa.

— Ok. Putz, mas é segredo, não vai contar para ninguém.

— Beleza. Fale logo.

E os dois caminharam para o sofá para se sentarem. Carlos transparecia estar tenso. Não detinha um nervosismo exacerbado, mas algo parecia fazê-lo temer a reação de Max ao contar o que queria dizer a ele.

— Fale, ai ai... — em meio a risos. — Nem dar risada.

— Ai ai, lá vem. Mas não enrole, conte logo.

— Eu vou contar, pois não agüento mais essas suas conjugações no imperativo. — falou Carlos em tom de brincadeira. — Eu estou amando!

— Amando? — perguntou Max em meio a algumas risadas. — Eu conheço?

— Não, é da minha facul. E por que está rindo?

Tanto Carlos quanto Max tinham vinte anos, e embora bastante amigos, personalidades bem distintas. Max era extremamente romântico e em frente a um amigo que nunca demonstrou um pequeno nível de romantismo tal afirmação parecia descabida.

— Amando? Você lá sabe o que é amor, este tipo de amor?

— Amor é fogo que arde sem se ver, é ferida que dói e não se sente...

— Ah não, pare. Você está de brincadeira comigo. E esse poema eu acho que é uma das poucas coisas que lembra das aulas de literatura do colégio.

— Sério, ela é a manteiga do meu pão! — falou Carlos quase rindo.

— E como ela é?

— Ela é loirinha, cabelinho bate no ombro, gostosinha...

— Um dos primeiros adjetivos que você usa é gostosinha e você acha que está amando? — questionou Max sorrindo.

— O que isso tem a ver? E o que você sabe sobre amor? Você nunca teve um namoro sério. E qual o problema de falar gostosinha? — retrucou o rapaz em um tom mais alto.

Na sala o clima já era um pouco tenso. A abordagem que os dois tinham sobre relacionamentos e paixões era bem diferente. Quando Carlos falava que sua paquera era gostosinha não havia nenhuma conotação pejorativa, talvez até fosse uma forma de falar dela sem se sentir vulnerável. Os homens em geral podem se apaixonar, dizer que amam, mas sempre necessitam se auto-afirmar que tem pleno controle da situação, como se fossem capazes de apagar um sentimento de um dia para o outro.

Max, com a expressão um pouco fechada, perguntou:

— Qual o nome dela?

— Bianca. Mas sério, eu gosto muito dela.

— E a que passo está o relacionamento de vocês?

— Na verdade a gente nunca conversou, ela é da outra turma.

— Ah não. Você está amando uma menina com o qual nunca conversou?

— Nunca ouviu falar de amor à primeira vista? — já em tom mais descontraído perguntou Carlos. — E uma amiga minha conversa com ela, eu só preciso elaborar um plano.

Max ficou um pouco pensativo até falar de forma bem séria:

— Vou falar sinceramente o que eu acho. Para mim, não existe amor à primeira vista, o amor se constrói com o tempo. Pelo menos não acredito nesse tipo de amor à primeira vista. Tem uma frase do Machado de Assis que diz: “Deus, para a felicidade do homem, inventou a fé e o amor. O Diabo, invejoso, fez o homem

confundir fé com religião e amor com casamento”. É fato que não existe só esse tipo de amor, mas eu por sentir outras “espécies”, digamos assim, de amor, tenho certeza, você não está amando! Mas dane-se também, pode não ser amor, mas pode ser alguma coisa! Agora plano... — balançou negativamente com a cabeça. — Eu não vou entrar nesta porcaria de plano não, né?

Era nítido como a visão de Max sobre o amor era extremamente fechada. Em um tema onde se julgava mais sábio que Carlos ele buscava meios para não discutir com o amigo, que ouvia algumas de suas palavras de forma contrariada.

— Depende, você é o meu melhor amigo, não?

— Infelizmente sim... Mas eu também sou o meu melhor amigo, então dependendo da maluquice...

— Por que te parece tão impossível eu estar amando? — questionou Carlos com uma expressão fechada.

A espontaneidade com que Carlos fez a pergunta deixou Max um pouco inquieto. “Talvez esteja sendo um pouco preconceituoso”, pensou. Max odiava rótulos, quem sabe por sentir ou temer que pessoas próximas a ele o rotulassem. E tinha percebido que de alguma forma tinha rotulado de forma injusta o amigo.

— Não é impossível, é que você nunca falou de ninguém de forma especial... E também estava querendo implicar um pouco. E eu sou um pouco contra a banalização do substantivo amor e todos seus derivados. Mas isso é só uma maneira de pensar.

— Você amou a Flávia?

O rapaz se espantou com a pergunta e permaneceu calado durante alguns segundos.

— Por esse meu pensamento eu sempre achei que não, eu a via como uma pessoa na qual estava muito apaixonado e que se tivesse um relacionamento sólido amaria, que naturalmente o sentimento se fortaleceria até chegar ao “amor” — fez o sinal de aspas com as mãos. — Sabe aquela música do Catedral, Quem Disse Que o Amor Pode Acabar?

— Sim.

— Então, eu sempre pensei que o amor só fosse construído com o tempo. Entre pais e filhos, talvez nem tanto, nasce mais rápido

pelo laço sanguíneo, familiar, mas quanto aos outros... Eu vejo relacionamentos se consolidando por afinidades, atrações e não por amor. Para mim, é muito difícil um amor acabar. Só com uma grande decepção que envolva diversos valores da pessoa e que faça surgir diversos outros sentimentos. Não é um marido ir num bar um dia, não lavar a louça, que irá fazer com que a sua esposa a deixe de amar! Se num caso do gênero essa esposa se separar e em um ano não sentir mais nenhum laço sentimental forte pelo seu ex-marido, para mim ela nunca o amou. Se o amasse, no máximo esse amor, pelas situações que inviabilizaram uma relação conjugal, se transformaria em um amor fraternal, ou em outro tipo de amor. Mas isso é só o que eu acho.

— Não sei, mas falou bonito! — disse Carlos sorrindo — Mas e então, e a Flávia? A amou, a ama?

Max ficou pensativo mais alguns segundos, coçou um pouco o cabelo demonstrando nervosismo. Ficou claro para seu amigo o desconforto e a timidez que tinha ao falar sobre Flávia, seu antigo romance.

— Então, eu sempre achei que estivesse somente apaixonado. Mas eu a via como a menina que se eu namorasse não teria como dar errado, como se fosse certo que a amaria. E hoje lembrar dela me faz vir um sorriso no rosto, acho que um sentimento de carinho. Não sei se a amo, amei, mas se sim, se transformou em algo mais fraternal, para felicidade da mãe dela.

— Felicidade da mãe dela? — perguntou com espanto Carlos.

— Eu não te contei de quando eu liguei para a Flávia para dar feliz aniversário e a mãe dela atendeu e perguntou quem estava na linha e que, então, depois de eu responder, veio um sonoro “não, você não”.

Max deu risadas após dar a resposta até que Carlos disse:

— É, pelo pouco que me contou, a família dela já a prendia quando era solteira, casada então... Você se arrepende de não ter feito algo em relação a ela, lutado mais? Sei lá...

— Caramba, você está sentimental mesmo! Querendo saber dos meus sentimentos.

O assunto era extremamente delicado para Max e ele de maneira educada buscava meios para mudar o rumo da conversa. Já Carlos ficava muito impressionado a cada reação de seu amigo às suas perguntas, também o impressionava a forma com que interagiam suas palavras e expressões faciais ao falar sobre a tal Flávia. Cada vez ficava mais intrigado e instigado a saber mais detalhes sobre este romance. Então riu levemente e perguntou:

— Sério, bate um “se tivesse feito”?

Max abaixou a cabeça com a sua boca encostando levemente o seu braço direito, balançou a cabeça lateralmente, como se tivesse fazendo sinal de negativo, até que disse:

— Eu não quero falar disso não. O que passou, passou! Mas fale mais da Bianca.

Carlos sentiu como ficava forte o incomodo do amigo e rapidamente fez o pedido por Max:

— Ela é linda, está na turma B de Direito. Muito gata!

— Humn. — disse Max sorrindo.

— Mas sério, não é só isso.

Carlos sentia como se houvesse um estereotipo que o amigo fez dele e estava tentando, então, quebrá-lo. Interrompeu sua fala por alguns segundos até que continuou:

— Me faz pensar: “que merda que eu sou um pouco gordinho”. Sabe? Me irrita a possibilidade de pensar que talvez não tenha “armas” para conquistá-la.

— Cara, que legal, você parece que está gostando dela mesmo.

— Amando!

— Não, amando não! — discordou Max com hílare, soltando um breve riso.

Carlos também riu brevemente até que seu amigo continuou:

— Mas sério, legal. O amor não é o único bom sentimento. Um encantamento, sei lá, o processo até se apaixonar é bem legal.

— Ela é fantástica! — disse um Carlos prazenteiro.

— E não se encane nos seus defeitos cara. Ou no que possa parecer defeito. Depois que eu resolvi “desistir” da Flávia, eu queria arrumar uma namorada, mas eu vi que não podia querer forçar algo,

não dá certo. Embora não tenha aparecido ninguém depois eu sempre fiquei tranquilo, eu sempre pensei, quando aparecer eu sei que vou fazer esta pessoa se apaixonar. Não é uma questão de fazê-la te amar, mas sim fazê-la acreditar que deve ser bom te amar. E você com certeza a conhecendo saberá as suas qualidades que serão valorizadas por ela e se você realmente a quer amar... Pois quem ama não necessariamente admira, se completa, etc. O amor vem com o tempo, pode vir em uma semana ou com anos como pode não vir, mas só vem para quem está propenso a amar. Mas chega, eu estou me sentindo meio “bixa” sendo tão sentimental nesta conversa. — e começou a rir — E olhe lá, hein? Esta conversa nunca existiu.

Ao tempo que estava um pouco irritado com a “verborragia” do amigo, Carlos entendia um pouco o que seu amigo queria dizer, embora o tom de “senhor da verdade” de Max o aborrecesse um pouco.

— Calma meu! Eu sou seu amigo, não tem “grilo”. E por que você acha que eu queria conversar com você? Eu sei desse seu jeito idiota, das baboseiras que deve aprender no seu curso de Letras e nos livros que lê...

Os dois riram bem brevemente. Ambos buscavam um tom amigável para conversa, tom este que pode ter faltado em algumas falas do início.

— O que você faria no meu lugar? — perguntou Carlos.

— Conversando com você agora eu lembrei de uma frase do Shakespeare que é bem propícia ao momento.

— Qual frase?

— Vou pegar meu caderno de anotações.

— Estas frases mais bonitas que fala é por que você as fica anotando?

— Se eu vejo algo que acho interessante ou bonito eu anoto.

— Poxa, depois deixa eu ler todo esse caderno. Deve ter um bom material para dar “cantadas”. — disse Carlos em tom descontraído.

— Humn. Na verdade são duas frases: “Aprendi que não posso exigir o amor de ninguém. Posso, apenas, dar boas razões para que gostem de mim e ter a paciência para que a vida faça o resto...”.

— Então o que devo fazer é ser amigo e depois rezar? — retrucou Carlos de forma folgaz.

— Não! Como você está pensando em se aproximar? Já falou disso com a sua amiga que a conhece? — perguntou Max enquanto colocava seu caderno numa pequena mesa da sala.

— Não falei que preciso elaborar um plano? Mas num momento que a Carla, essa amiga que a conhece, estiver falando com ela eu arrumo um jeito de entrar na conversa.

A expressão facial de Max mudou drasticamente ao Carlos falar de Carla. “Eu não acredito nisso”, pensou ele.

— Carla? A que veio falar com a gente sexta-feira retrasada à noite?

— Isso, isso mesmo.

— Por acaso a Bianca estava toda de preto este dia? É meio baixinha?

— Sim. — respondeu Carlos pensativo.

— Peitinhos pequenos?

— Olha lá o jeito que fala, hein?! — falou um risonho Carlos.

— Mas sim, sua descrição bate.

— Acho que a vi este dia.

— Uma graça, né?

— É, acho que vou tentar dar uns pegas? — soltando alguns risos entre as suas palavras.

Contudo, Max não estava à vontade. Retornava à sua mente o dia em que conheceu Carla, a amiga de Carlos. Imagens e lembranças pareciam que tiravam sua mente da conversa. Estava distante, bem distante.

— Cala a boca! — falou Carlos ainda em tom descontraído.

— É, conseguir as primeiras palavras não deve ser difícil. Essa Carla é bem amiga sua?

— Eu converso bastante com ela. E eu acho que a Bianca está entre as suas melhores amigas.

— Eu acho melhor começar a conversar com a Bianca sem contar nada a Carla. Vai que daqui a pouco você vê que não é nada disso e tal.

— Cara, eu sei do que estou sentindo. — disse Carlos de forma ríspida, passando a mão na cabeça logo após falar, como sinal de sua irritação.

Carlos na verdade não sabia o que estava sentindo, e a confusão que as falas de seu amigo lhe gerava o irritava. Ele queria acreditar no que pensava que sentia ou no que talvez quisesse sentir.

— O que você está sentindo pode ser lindo, mas a conhecendo melhor pode ver defeitos que não viu, o encanto pode cair assim como pode realçar o seu encanto. Cara, a conhece simplesmente primeiro depois você vê...

— Você não disse que sentia que tinha certeza de que com a Flávia não daria errado? É exatamente o que sinto em relação à Bianca! — disse ainda um pouco bravo.

— Já ouviu a história de falarem que o amor é cego?

— Ah, bem legal, já está passando pela sua cabeça de que posso estar amando?! — disse Carlos com um sorriso irônico.

O tom amigável tinha abandonado a conversa.

— Não, mas o encanto e a atração às vezes também são cegos.

— A “cegueira” que você diz pode fazer uma pessoa levar um super “tombo”, mas pode fazer também que não tenha medo de obter o sucesso.

— Deixe quieto. Você está com a sua cabeça muito fechada! E além do mais eu acho que ainda vou ter muitos dias para te fazer mudar um pouco seu pensamento.

Max talvez estivesse certo, mas fatalmente Carlos não era o único a estar com a cabeça fechada. Aquelas falas retratavam conflitos de opinião de duas pessoas que não estavam nada dispostas a ceder ou tentar entender a fala do outro. O mesmo incomodo que o rapaz tinha para falar de Flávia Carlos tinha com o seu tom superior e com o fato de ele parecer incrédulo com a hipótese dele estar amando. Max talvez soubesse o que dizer a Carlos, mas não como e quando.

Max se levantou indo em direção à cozinha. Após alguns segundos Carlos disse em tom mais alto:

— Não, continue falando sua opinião.

Após pegar um suco na geladeira Max olhou sério para os olhos de seu amigo e perguntou:

— Você sente que sabe o que quer?

— Eu quero ficar com ela. A fazê-la querer me amar. — falou Carlos, tentando desconstrair o clima que tinha voltado a ficar carregado.

— Sério!

— Não sei, eu só quero ficar perto dela, sei lá. Qual o problema nisso?

— Nenhum, não é preciso “amar” — fez o sinal de aspas com as mãos — para entrar num relacionamento, só que o mesmo mexe com sentimentos, e não se brinca com sentimentos.

Carlos balançou a cabeça lateralmente, bufou e respondeu de forma mais ríspida:

— E quem disse que eu vou brincar com os sentimentos dela?

— Quando a Carla veio falar com a gente teve uma hora que ela veio falar comigo quando você estava dançando.

— Falar o que?

— Que tinha uma amiga dela que estava meio afim de você, para gente ir lá para o outro lado conversar com o pessoal das turmas de Direito.

Carlos paralisou o olhar em direção a Max e após alguns segundos disse:

— Essa amiga não é a...

— Bingo! — falou sorrindo levemente. — Acho que era a Bianca. — disse Max, deixando rapidamente a sua expressão alegre em uma expressão fechada.

— Merda, mas que merda! Só agora me fala isto?! — esbravejou Carlos.

— Qual é? Aquele dia só queria saber de xavecar a Jéssica...

Nesta sexta-feira em que Max conheceu Carla e viu Bianca Carlos havia ficado com uma moça chamada Jéssica, a última mulher com que ele se relacionou até então. E este era um dos motivos para Max não acreditar no amor de Carlos, pois ele havia ficado com outra pessoa a menos de quinze dias.

— Mas por que não me contou depois? — perguntou o rapaz.

— Sei lá, esqueci. Era só uma menina que queria ficar com você uma noite, e como estava querendo ficar com outra para mim era uma coisa sem importância...

— Mais alguma informação que está omitindo? — perguntou Carlos ainda muito bravo.

— Não! Ei, não precisa se estressar. Hesitei um pouco em te contar agora por que você diz que está amando a Bianca aí eu vou e falo que ela pensou em ficar com você um dia... Vai saber o que irá pensar em fazer?

— Cara, essa é uma informação um pouco relevante para se querer omitir, não?

— Ei garoto, se ela pensou em ficar com você é por que ela também se encantou um pouco por você, mas você é muito impulsivo e por isso hesitei um pouco em contar. Como eu disse, não se brinca com sentimentos.

— Que merda! Vai tomar no... — disse Carlos, depois batendo forte com o braço na mesa que estava sentado. — Por que você acha que sempre está certo? Por que você se acha o bom moço e eu o malandro?

— Não é isso. Está entendendo tudo errado.

— Ah, então me diga sábio Max, o que quer dizer e o que devo fazer? — falou Carlos em tom de ironia.

A conversa estava sendo franca demais para que tentassem apaziguar os ânimos. Havia claramente se transformado em uma discussão. Max e Carlos conversavam de forma a deixar claro suas diferenças de personalidade. Contudo, meio às desavenças, ficava nítido que um queria entender o ponto de vista do outro. Era um claro confronto de visões diferentes sobre relacionamentos amorosos, mas claramente ainda havia um respeito.

— Eu vou ler uma frase para você.

— Vai lá. — disse Carlos ainda bravo.

Max pegou novamente seu caderno para ler a frase ao amigo.

— Não sei de quem é autoria... “A maior covardia de um homem é despertar o amor de uma mulher sem ter a intenção de amá-la”. Eu não sei se é a maior covardia, mas é uma covardia. E não

despertar necessariamente o amor, mas a paixão, o deslumbre também, será que entende?

— Eu não sei... — respondeu Carlos balançando a cabeça. — Eu sou muito mais sensível do que você pensa.

— Eu vou tomar um banho, estou morto de cansaço, amanhã a gente conversa.

E Max saiu da sala em direção ao seu quarto. Carlos acompanhou com os olhos todo o movimento do amigo e disse:

— Vai lá e quando voltar a gente continua! Eu quero ouvir o que tem a dizer...

— Eu já disse o que tenho a dizer. — disse Max, próximo à porta de seu quarto, de onde ainda é possível visualizar a sala.

— Quero ouvir tudo. Vai que esteja certo.

Max não respondeu, pegou roupas, toalha e foi tomar banho. Carlos em tom mais alto, mas ainda não chegando a ser um grito, disse:

— Depois a gente continua.

Flávia Diniz

Passaram-se vinte minutos, Carlos ficou pensativo na sala comendo uma maçã enquanto seu amigo tomava banho. Todas aquelas palavras do rapaz haviam feito passar mil pensamentos pela cabeça dele, mil dúvidas, milhares de incertezas. Max então passou na sala em direção à lavanderia para estender sua toalha e Carlos reparou em seus olhos e perguntou:

— Você está bem?

— Entrou *shampoo* nos meus olhos. — respondeu rapidamente Max. — Você sabe quando que volta a *Champions*? — perguntou mudando de assunto.

Certamente não era uma questão de *shampoo* nos olhos. O “assunto Flávia” ainda era dolorido para ele e as lembranças e o choro enquanto tomava banho foram inevitáveis.

— Não sei, acho que no início do mês que vem. Vamos continuar a nossa conversa? — respondeu Carlos.

— Eu não quero discutir com você. É...

Interrompendo Max, Carlos disse:

— Não vai haver discussão. Eu garanto! Podemos continuar?

Max estendeu a toalha na lavanderia, voltou à sala e olhou para seu amigo.

— Desculpe-me! A gente está fazendo de uma paquera sua uma discussão. E não há motivo nenhum para isso. — disse Max bem pensativo.

— Senta aí vai. — pediu Carlos colocando a mão direita no ombro do amigo. — Talvez esteja certo em alguns pontos... — Carlos ficou em silêncio por uns dez segundos — Dado estes fatos novos, de que ela já quis ficar comigo, o que faria?

— Viva! — respondeu Max após sentar-se no sofá da sala.

— O que quer dizer?

— Paquere, curta... Se o sentimento crescer, se criar algum laço mais forte você vai perceber. Aí é outra história. Só que o

fundamental, tudo isso com hombridade. Para ela curtir ficar com você ela não precisa acreditar que ela é tudo para você. Etapa por etapa!

— Eu entendo o que quer dizer, mas...

— E se você descobrir defeitos nela que o faça desistir de ficar com ela?

— Não, mas até aí, o futuro a Deus pertence, não tem como prever...

— Cara, como terminou o seu último namoro?

— Você sabe! — respondeu Carlos bravo.

— Como?

— Cara, não mistura as coisas.

— Como?

Max havia entrado num assunto delicado. O segundo e último namoro de Carlos havia durado apenas sete meses. O nome de sua ex-namorada era Bárbara, dois anos mais nova. Os dois se simpatizaram desde que se conheceram e Carlos foi investindo dia-a-dia para que a relação entre os dois crescesse. Ele não estava apaixonado, mas Bárbara era bem atraente e uma boa companhia para se divertir. Começaram a namorar, e embora algumas diferenças entre os dois terem se mostrado evidentes, a relação ia caminhando. Como diria um economista, a moça era um bom *hedge* para o rapaz, isto é, uma posição segura, uma relação que lhe fornecia mais prós do que contras. A frase “antes só do que mal acompanhado” é uma frase que dificilmente norteia o pensamento masculino. Homens buscam sempre companhia e quando optam por estarem solteiros a última coisa que desejam é a solidão. E Carlos já tinha ficado um bom tempo solteiro, aproveitado as suas vantagens. Conhecendo também as desvantagens não queria ficar de novo.

Há pessoas que dizem que um namoro é uma escolha racional, talvez Bárbara e Carlos pensassem assim. A moça percebia que o rapaz não estava completamente apaixonado por ela e procurava não se envolver muito. Contudo, numa relação interpessoal é extremamente complicado isolar o lado racional do lado emocional. A distância entre estes lados é muito menor do que se pode imaginar, é muito fácil atravessar a fronteira. Sem perceber,

com a relação avançando Bárbara foi ficando extremamente apaixonada por ele. Até que um dia Carlos se sentiu atraído por outra moça, o carnaval estava chegando, se sentia preso, etc. Não lhe era mais tão conveniente seguir namorando a Bárbara. E aí o final da história é previsível.

— Sei lá, eu terminei... Não estava mais afim, a paixão foi embora. E em algumas coisas a Bárbara era muito chatinha.

— Como ela ficou?

— Cara, não tem nada a ver. E eu irei com calma, *ok*? Feliz?

Após o banho de Max, Carlos ainda se mostrava insatisfeito com alguns comentários do amigo, mas se mostrava muito mais maduro para ouvi-los. A conversa deixou de ser de dois garotos falando sobre paqueras, caminhando para ser de dois homens dialogando francamente sobre suas opiniões e sentimentos.

— Cara, não foi “filha da putice” como ela disse, mas podia ter sido evitado. Também tem muita mulher filha da... você sabe de quem! Tem muitos homens também, mas com mulher talvez seja pior. Só que essas “desgraçadas”... — parou e deu uma breve risada — ... falam todo dia que os homens não prestam! Faça a diferença garoto!

— Se eu te falar uma coisa não vai ficar bravo?

— Fale.

— Ser o correto vale a pena? Não aparecem meninas legais na nossa vida todo dia, se você bobeia isso aqui... — indicou com uma distância pequena entre os dedos polegar e indicador de sua mão direita. — ... chega um cara e te passa para trás! Por que não deu certo você com a Flávia?

— Não tem nada a ver com o fato de ser correto, aliás, sei lá o que você chama de ser correto.

— Você sabe o que eu estou dizendo!

O conflito de opiniões entre os dois tinha ficado nítido, mas era claro a consideração de um pelo outro e pela palavra do outro. Depois de alguns segundos Max disse:

— Tem gente que diz que existem mulheres que gostam de homens cafajestes, mas não tem nada disso. Se você gosta de alguém você deve fazer algo que deixe essa pessoa feliz e não fazer algo que

— você pensa que a deixará feliz, entende? Ser correto não tem nada a ver com dar brecha. Ser correto é respeitar os sentimentos! Não existe gostar de cafajeste, pelo menos no âmbito da maioria, mas sim que como há mulheres que gostam de flores há outras que gostam de atitude, confiança...

— Como eu vou...

Max interrompeu Carlos:

— Não estou falando que você não pode paquerar, entende? Agora se você disse para mim que está amando o que dirá a ela? Beije muito, namore muito, dê muitos elogios, mas não precisa querer casar amanhã ou tentar fazê-la querer casar contigo amanhã!

— É como uma luta de boxe, primeiro os lutadores se estudam e depois golpeiam. — brincou Carlos.

— É! — falou Max rindo logo após. — Bom você falar algo mais simpático que estava muito tenso o clima aqui.

— Sabe que eu sou mais fortinho, né?

Aproveitando o clima mais leve, Carlos perguntou:

— Não quer falar da Flávia mesmo? Você nunca me falou muito dela?

— O que quer saber?

— Por que não deu certo, tem a ver com a religiosidade da família dela?

— Não deu certo devido a muitas coisas.

— Estou todo a ouvidos!

— Muitas mesmo! — disse Max sorrindo, mas pensativo.

— Eu não estou com sono! Sério, não somos melhores amigos?

Carlos tinha um sentimento por Bianca que acreditava nunca ter sentido igual. No entanto seu amigo estava incrédulo e ele próprio não entendia a dimensão de suas emoções. Por isso, sabia que ouvir e saber como foi o romance de Max e Flávia seria muito proveitoso para entender seus sentimentos, que ficaram ainda mais indecifráveis para ele com a conversa desta noite. A conversa que tanto esperou para ter com seu amigo para falar de sua paixão havia se tornado a conversa na qual Max que falaria de seu antigo romance. Mas Carlos sabia o quão favorável poderia ser a situação.

— Tá. Tudo?

— Você tem certeza que gostou mais dela do que gosto atualmente da Bianca, não?

— Tenho certeza! — respondeu Max sorrindo e fazendo sinal de positivo com a cabeça.

— Então quero ouvir para saber se é possível, alguém gostar mais do que eu gosto da Bianca... — disse Carlos de forma folgaz. — Ah, quero saber nos mínimos detalhes!

— Xii, mas a história é longa! Depois não vai dar tempo de elaborarmos um plano para você ficar com a Bianca. — disse Max também de forma descontraída.

— Teremos muitos dias para isto... Primeiro etapa por etapa.

Max sorriu ledado ao ouvir o comentário do amigo até que Carlos disse:

— Agora que você está felizinho, vai me contar ou não?

— Vamos comer alguma coisa antes então, por que vai demorar! — disse Max, levantando-se e indo em direção à cozinha do apartamento.

Max e Carlos foram à cozinha, prepararam um lanche e assistiram um pouco de televisão enquanto comiam. Carlos tentou iniciar a conversa antes de terminarem de comer, mas Max disse para conversarem depois, com mais calma. Max ainda estava incerto sobre a adequação de contar a história ao amigo e também sabia da delicadeza do assunto para ele. Suas mãos estavam trêmulas e buscava fechar as mãos e deixá-las um pouco abaixo da linha de cintura para não transparecer seu nervosismo ao amigo. Assistia à televisão bem disperso, somente pensando no prosseguimento de sua conversa e em como seus sentimentos e emoções iriam reagir.

Já na sala, com os dois já alimentados, Max estava com a respiração bem ofegante. A privacidade sempre foi algo que ele fez ser presente em sua vida. Nunca gostou da idéia de pessoas sofrendo por ele e tendo opiniões sobre o que ele teria que fazer. E pensava o quão seria ruim em seus momentos de tristeza e felicidade virem

pessoas lhe exigindo satisfações quando poderia apenas estar sozinho com a sua dor ou felicidade, onde a solidão seria o grande remédio para acalmar os ânimos, principalmente em momentos ruins. Tudo isso em volta a uma timidez que sabia que iria fazer com que as pessoas não conseguissem decifrar corretamente seus sentimentos. E ele estava ali, em meio a uma conversa que fatalmente iria lhe oferecer um raro momento de vulnerabilidade, de sentimentos expostos, possíveis sorrisos e lágrimas escancarados para as mais diversas visões e opiniões que seu amigo poderia ter.

— Já? — perguntou Carlos.

— Nossa, mas eu estou com um sono... — disse Max sorrindo.

— O que? — falou Carlos olhando um pouco bravo.

— Estou brincando. — disse Max sorrindo levemente de novo.

Max sabia que não teria como fugir, tendo que contar a história prometida. Naquele momento buscava pensar nos proveitos que poderia tirar através da conversa. “Posso vir a entender melhor meus sentimentos”, pensava ele.

— Pode começar então!

Max respirou fundo, deixando claro um certo desconforto. Procurou esquecer todas as justificativas que sempre deu a si próprio para não expor seus sentimentos mais delicados à outra pessoa e começou a contar sobre seu romance:

— Então, a gente se conheceu na escola, na sexta-série em 1996. As quintas e sextas-séries seriam todas de manhã e, por isto, ela que estudava à tarde na quinta-série começou a estudar de manhã. — pausou um pouco sua fala. — É, fatalmente não me apaixonei à primeira vista. Veja bem que estou falando apaixonei, até por que não sei se a amei e, na minha opinião também, não existe amor à primeira vista, a não ser o familiar.

— Lalalá, lalalá... O mesmo blá blá blá! *Ok, ok!* Eu já sei das suas opiniões, continue.

— Eu tinha um...

Max é interrompido pelo amigo que perguntou um pouco espantado:

— Começou a gostar da Flávia com onze anos?

— Não comecei a gostar dela imediatamente quando a conheci, mas comecei ainda com onze. Mas era uma paquerinha boba, foi algo que foi crescendo com o tempo. Não cheguei para nenhum amigo meu falando que estava amando. — e depois sorriu ao terminar de falar.

Neste momento da conversa Carlos já começava a perceber a forma diferente de que seu amigo falava sobre Flávia. Falava bem pensativo, como se procurasse trazer a mente às lembranças, seu olhar era diferente, breves sorrisos eram lançados à boca de Max a cada fala. As primeiras palavras de Max sobre o seu romance tinham vindo com dificuldade, com uma respiração acelerada, claro nervosismo, mas rapidamente as palavras começaram a sair com naturalidade, como se ele revivesse os momentos que estava contando.

— Vai, continua contando. — disse Carlos.

— Eu tinha um melhor amigo na sala, Daniel. E ela se ambientando numa sala nova, já que a base da sexta-série A era a quinta-série A, também acabou tendo uma melhor amiga, Denise. Por coincidência, a melhor amiga dela era a menina da sala por quem eu “simpatizava” e meu melhor amigo gostava dela.

— Dela?

— Da Flávia! — respondeu Max. — Naturalmente a dupla de amigos foi se aproximando. Aí teve um dia, num lembro exatamente o que que foi, eu fiquei bravo com a Flávia, por um bilhete que acho que ela mandou. Nem lembro o significado, tinha alguma coisa a ver com a paquera das duplas, sei lá.

— Caramba meu, conta a história de forma completa, tente lembrar. — disse Carlos com hílare.

— E o mais engraçado nestas paqueras é que elas tinham tudo para dar certo, eu gostava da Denise e ela de mim, embora no momento não sabia disto, e o Daniel gostava da Flávia e ela também gostava dele.

— Faz uma força para lembrar, certeza que não é um ponto importante na história?

— Você é chato, hein?! — disse e sorriu Max. — Não estou contando uma historinha para você dormir não! Cara, eu não lembro mesmo, mas era uma coisa bem sem importância mesmo, eu só lembro que por causa disso fiquei meio distante da Flávia alguns dias. Mas eram paquerinhas bem infantis, a gente era muito criança...

— Tá bom, continue.

E a conversa seguia em tom bastante amigável, Max contando e Carlos ouvindo, prestando atenção em cada detalhe contado.

— Ok, depois, com o passar do tempo, eu fui gostando da Flávia, ela era muito simpática, tinha um sorriso lindo, lindíssimo! Ela tinha uma altura normal para nossa idade, ela já tinha doze anos e eu tinha onze ainda no primeiro semestre de 1996, mas ela estava mais para alta do que para baixa. Cabelos longos e castanhos, magra, mas não palito. — pausou a fala com um breve riso. — Ela era linda! Só que eu não queria comentar com ninguém que estava gostando dela, eu já tinha comentado com dois amigos quando estava gostando da Denise, e não queria que parecesse que gosto de uma a cada semana, sei lá. Eu lembro que eu sempre queria ser o certinho, uma bobeira e tal. Eu lembro que eu sempre falava para o meu melhor amigo, Daniel, que no “meu dicionário” não existia o termo “ficar”, somente “namorar”, que eu jamais ficaria com alguém...

Max era encantado pelo sorriso de Flávia, que era realmente muito bonito. A doçura em contraste com momentos de seriedade de uma criança madura para sua idade o enfeitiçou e o fez rapidamente se apaixonar naquela época.

— Que panacão você era, hein?! — falou rindo Carlos.

— Cale a boca! Então...

— Espera aí, pára um pouco! Pô, na boa, sua descrição ajuda a saber mais ou menos como era a Flávia... Quer dizer na verdade ajuda muito pouco. Tem alguma pessoa que a gente conheça que seja mais ou menos parecida com ela que dê para fazer uma comparação?

— Pior que tem! Sabe quem é a atriz Rafaela Mandelli?

— Putz meu, pelo nome da atriz vai ser difícil... Que papel que ela já fez?

— Você assistia Malhação em 2001?

— Acho que sim... Ainda dava tempo, né? Depois que a gente começou a estudar período integral sempre que chegava em casa Malhação já tinha acabado...

— Então, lembra da Nanda?

— Não sei meu, não estou lembrando...

— Vou ligar meu computador, eu tenho fotos dela no PC.

E Max foi com Carlos em direção ao seu quarto ligar seu computador. O menino sentou-se na cadeira de madeira que havia no quarto enquanto seu amigo sentou-se na cama, que fazia um ângulo de aproximadamente noventa graus com o computador, fazendo com que tivesse que se alocar em uma das beiras laterais da cama para que pudesse ver as imagens que lhe seriam mostradas.

— Então, ela realmente te faz lembrar a Flávia mesmo... — disse Carlos enquanto Max ligava o computador.

— O pior que não é por isso não. Eu gostava da Nanda em Malhação mesmo. Foi a mocinha que eu mais gostei de Malhação — disse rindo. — Sério, eu até entrei na comunidade da Nanda no Orkut.

De fato Max não via a Nanda na Flávia nem a Flávia na Nanda. A Nanda de Malhação talvez somente tenha sido uma personagem que tinha o biotipo de mulher que encantava o moço. E, talvez por isto tinha um estilo parecido com o de Flávia. Max deslumbrava meninas / moças que tinham um jeito terno, que aparentavam ser corretas, mas sem viver pela retidão. E talvez por ver loiras como mulheres que se julgam mais fatais, com um ar mais sedutor, ele sempre se encantou mais por morenas.

— Eu gostava quando tinha a Luana Piovani. Nossa, gostosa demais! — comentou Carlos.

— Humn. É, Malhação é um celeiro de gatas... Mas então, eu lembro quando eu falei brincando para minha irmã que a Nanda era muito mais bonita que a Rafaela Mandelli. Eu dizia que era outra coisa. É claro que a Rafaela Mandelli é muito bonita, mas não sei se era pelo papel ou porquê, mas olhando fotos da Mandelli eu não vejo algo tão especial. E olhando fotos da Nanda...

— Você é doido.

— Talvez tenha associado inconscientemente a imagem da Nanda a da Flávia, sei lá.

Já com o computador ligado e com a pasta que continha as fotos, Max mostrou-as ao amigo.

— Tá aqui, olhe! Em todas estas fotos ela está interpretando a Nanda.

“Ai, ai, olhe...”, pensou rapidamente Carlos, vendo depois as fotos. Após vê-las, o rapaz tinha alguma dúvida sobre a veracidade e confiabilidade da comparação feita pelo amigo, pois a atriz Rafaela Mandelli é muito bonita e na fase em que incorporou a personagem Nanda na série adolescente *Malhação* estava ainda mais encantadora. Mas de fato tal comparação não era descabida. Flávia estava longe de ser uma sósia mirim de Nanda, mas o estilo das duas era parecido. Pele clara, cabelos castanhos longos, um ar doce, um formato de rosto parecido, biotipo físico semelhante, etc.

— Então, A Flávia tinha este estilo de rosto, cabelos castanhos longos. Só que ela não tem olhos verdes. Ah, no final tem uma foto da Rafaela Mandelli já um tempo depois... Fala se não é diferente.

— Calma aí, vamos ver se posso confiar nessa sua comparação, a Flávia se parece com a Rafaela Mandelli e você com qual famoso se parece?

— Amigo, ninguém lembra nem longe a minha linda pessoa.
— brincou Max.

— Sério?

— Sei lá, nunca pensei em ninguém... Mas sério, a comparação é razoável.

Carlos não estava convencido, mas preferiu deixar a conversa prosseguir.

“É verdade?”

Após verem algumas fotos de colegas da faculdade de Max, ele e Carlos voltaram à sala assim que o primeiro desligou o computador. O quarto era bastante estreito e preferiram prosseguir a conversa na sala, sentados no sofá.

— Tá, agora outra coisa. Que lixo de contador de histórias é você! Estamos em que data? A conheceu imagino em fevereiro de 1996, geralmente é em fevereiro que começam as aulas, né? — disse Carlos.

— Isso.

— Mas começou a gostar dela quando?

— Sei lá, final de abril não sei! Digamos que no início do segundo bimestre escolar.

— Está bem, já é alguma informação.

E o clima seguia descontraído enquanto Max contava seu romance. O nervosismo apresentado pelo rapaz ao começar a contar já havia desaparecido por completo e prosseguia naturalmente, como se estivesse contando de um passeio no fim de semana. Aliás, ele buscava contar desta forma, se esforçava para isto. Procurava lembrar e relatava tudo a Carlos, mas tentado se envolver o mínimo possível com as lembranças. Por outro lado, seu só procurava entender a história que ele lhe contava. Evitava ter outros pensamentos paralelamente, embora às vezes fosse inevitável. A Bianca e o descrédito de Max sobre o seu amor fatalmente, por exemplo, eram temas que vinham à sua mente.

— Por favor, pare de ser chato.

— Pare? Merda de imperativo!

Max balançou a cabeça lateralmente, bufou e disse:

— Não, eu vou parar, não dá para falar sério contigo!

— Eu estou brincando, desculpa! — disse sorrindo Carlos. — Eu estou bem feliz de estar me contando, sério! Eu sei que você é

meio fechado e não é de ficar falando da sua vida muito. Vou parar de implicar.

Max não estava bravo, o clima seguia bom na conversa, ele somente queria mostrar a Carlos o quão delicada era aquela conversa. Após ouvir o amigo, o rapaz continuou contando:

— Está bem. Então, eu lembro que na época que eu ainda gostava da Denise eu conversava um pouco sobre isso com a Carina, um dos dois amigos que disse que contei...

— Contou o que?

— Não disse que quando gostava um pouco da Denise contei isto para dois amigos? — disse, com seu amigo balançando positivamente a cabeça logo após sua fala. — Então, tinha contado para o Daniel e para a Carina.

— Humn.

— Eu gostava muito de conversar com ela...

— Calma aí, contou que gostava dela?

— Isto, que gostava da Denise... Antes de começar a gostar da Flávia.

— Ah tá. Vai, pode continuar.

— A Carina era bem mais velha, acho que tinha uns dezesseis anos, tinha parado de estudar um tempo, acho que por causa de problemas de saúde na família. Era bem inteligente, eu a admirava bastante, apesar de ser bem mais velha que os colegas da nossa turma ela os tratava com extrema simpatia e tal.

Max tinha uma admiração gigantesca pela Carina. Grande parte de sua personalidade foi influenciada por esta amizade. O rapaz neste período na escola (sexta-série do ensino fundamental) tinha muitos amigos homens e poucos amigos do sexo feminino. Contudo, por nenhum de seus amigos ele tinha a admiração que havia dele para com a Carina. Nas conversas com ela ele buscava aprender, amadurecer, e assim foi obtendo alguns valores que estão presentes até esta conversa com Carlos. Vendo Carina e Flávia, Max foi admirando qualidades que são presentes só dentro de algumas mulheres e, parando e olhando os outros meninos ainda imaturos por questão genética e social, lhe atraía mais amizades com meninas do que com meninos, pelo menos no âmbito de diálogos mais sérios. E

tudo isto determinaria como os sentimentos dele nasciam, sempre desabrochando com a admiração.

— E? — perguntou seu amigo.

— Uma vez conversando com a Carina ela me perguntou o que eu faria se a Denise quisesse ficar comigo, e eu não tive resposta. Sabe, eu tinha onze anos, eu tinha percebido que eu queria algo sem objetivo nenhum.

— A conversa é sobre quem mesmo??? Flávia! — brincou Carlos sorrindo.

Max deu uma pequena risada e continuou:

— Então, essa conversa com a Carina sempre vinha a minha mente quando eu comecei a gostar da Flávia...

Max ficou em silêncio alguns segundos, extremamente pensativo. A nostalgia era evidente. Mas a sua pausa se devia mais ao fato de estar buscando lembrar os acontecimentos que tinha que contar a Carlos. E continuou:

— E eu a cada dia ia gostando mais da Flávia, aquele sorriso era lindo! Nossa, muito lindo! Eu lembro que nas épocas em que estava fazendo tempo frio a cada dia eu ficava pensando com que blusa ela iria, pois na escola eles não brigavam muito de ir com blusa por cima do uniforme. Eu lembro como se fosse ontem. Ela tinha uma blusa rosa, uma jeans, uma coloridinha...

Max buscava se ater a alguns detalhes para que ficasse claro a dimensão do sentimento que tinha pela Flávia. Sentimento este que não tinha dúvida que era muito maior do que o sentimento de Carlos por Bianca. E ele, ainda com seus onze para doze anos, de fato já era completamente apaixonado. Prestava atenção na roupa que Flávia usava, sonhava com o próximo dia, e até buscava olhar o que o tarô dizia que iria acontecer com as pessoas do signo dele e com as pessoas do signo da menina.

Já Carlos seguia atento a cada palavra do amigo.

— A minha casa era de um lado da escola e a dela de outro, mas eu lembro que eu sempre torcia para que fosse o dia dela ir para casa da tia, que era pro lado da minha casa e, então, a gente voltava conversando nesses dias. — disse Max, ficando em silêncio por alguns segundos depois.

Esses dias em que a Flávia ia para casa da tia na volta da escola eram dias únicos para Max. Ele não se perdoava quando se perdia da Flávia na saída e descobria depois que naquele dia ela havia ido à casa da tia. Eram momentos preciosos, que duravam cerca de dez minutos, mas eram minutos com a pessoa que mais lhe encantava. Às vezes voltavam juntos com outros colegas, mas nada que tirasse o brilho de seus olhos por estar podendo desfrutar minutos sob a companhia da menina que fazia seu coração pulsar mais forte. “Algumas nuvens não são capazes de ofuscar a beleza do azul do céu”, pensava o garoto.

— Mas então, chegaram as férias de julho e eu pensei que sem ver a Flávia a esqueceria um pouco. Mas isto não aconteceu. Sempre que eu saía de casa eu olhava atento na rua para ver se não dava a sorte de encontrá-la. E foi assim até o retorno às aulas. Mas era algo difícil de se ter uma dimensão, um garoto de onze anos não conhece direito seus sentimentos...

Esse período de férias escolares foi extremamente duro para Max. Não por que ficou passando as férias chorando, sonhando com a Flávia sem se conseguir distrair e se divertir. Isto não aconteceu. Mas sim pois ele viveu sentimentalmente a transição da infância para a adolescência. Não era um presente ganho que não gostou, uma viagem feita com a família que não gostaria de fazer ou o *videogame* ter quebrado a razão de sua tristeza em alguns momentos, mas sim a saudade sentida de estar com a garota. A volta às aulas era uma obsessão.

— Aí já recomeçando o ano letivo, eu já experiente, com meus doze anos de idade... — continuava contando Max.

— Ai, ai, essa é boa. — brincou Carlos.

— Eu estava começando a perceber que o que eu sentia pela Flávia não ia acabar de um dia para o outro, que não era uma “bobeirinha”. Então, decidi que devia contar para meu melhor amigo, que já não gostava mais da Flávia. Quer dizer nunca chegou a gostar para valer e tal...

— Olha lá, hein? Depois não venha me contar que este seu amigo lhe passou a perna...

— Não, não passou! — comentou. — Eu era meio tímido e tal, tive dificuldade para contar mas consegui.

— Contar para o Daniel?

— Isto. — respondeu Max. — Mas aí o tempo ia passando, eu não tinha nenhum plano, sei lá, era meio platônico o sentimento...

— Caramba velho, você com doze anos já estava loucamente apaixonado! — disse Carlos rindo.

— Pois é... — sorriu. — Eu lembro de uma aula de história que eu tive. Sempre que haviam exercícios para ser feitos na segunda aula o professor chamava alguém para ir à lousa e após responder dizia para chamar a pessoa mais linda da sala, mais especial, blá, blá, blá...

— Professor folgado!

— Isso gerava um tremendo constrangimento na sala, brincadeiras e tal. E o professor obrigava a falar algum nome senão não dava a nota pela resposta que tinha feito. Então, numa aula de história a Denise me chamou para ir a lousa e eu chamei a Flávia que chamou o Daniel...

— Esse seu amigo, hein?

— Foi chato, ficava claro para mim que na sala o garoto pelo qual a Flávia mais tinha uma “quedinha” era o meu melhor amigo Daniel.

— Mas sei lá... Você chegou a essa conclusão baseado só nisso?

— Não, dava para perceber... Teve uma vez que uma menina disse que viu no diário da Flávia um coração escrito Rafael e Flávia ou algo do gênero...

É, essa menina era uma daquelas meninas cruéis que existem em todo colégio. Sentia que Max gostava de Flávia e fez questão de fofocar com outra colega sobre o diário da menina na frente dele. Max, naquela situação, estava completamente perdido, não sabia o que sentia, o que iria acontecer e como fazer para mudar o rumo da situação.

— Que merda! E você nunca chegou a pensar: “chega, vou esquecer a Flávia”, ou algo do gênero?

— Cara, isso que era o bacana, pelo que eu me lembre eu nunca cogitei isso nessa época! Era muito puro o sentimento... — falou Max com um leve sorriso no seu rosto. — E apesar de tudo era muito bom, eu sempre vivia a expectativa pelo próximo dia, com que blusa ela iria, se ela voltaria para a casa da sua tia, se conseguiria conversar com ela...

Realmente na época não estava infeliz com a situação, ele desfrutava cada dia e cada fala que tinha com a Flávia.

— Passaram-se algumas semanas, acho que sei lá, agora devo estar falando em setembro de 1999, eu falei para o meu melhor amigo me ajudar a arrumar um jeito de contar para uma das melhores amigas da Flávia, a Patrícia. — continuava Max.

— Ela não tinha outra amiga? Qual era o nome mesmo?

— Denise.

— Isso, e então?

— Para a Denise não dava para contar, pois eu suspeitava que ela gostava de mim e também durante o passar do ano a Flávia começou a ficar mais próxima dessa Patrícia... Aí teve um dia que eu e o Daniel fomos conversar com a Patrícia e ele contou para ela que eu gostava da Flávia...

— E aí? E aí? E aí? — falou Carlos sorrindo, batendo palmas brincando com Max.

— E não aconteceu muita coisa de importante não... No início a Patrícia começou a falar de mim para Flávia como se fosse ela que gostasse de mim. Eu lembro que a Patrícia me disse que a Flávia falou que eu era bonitinho... Mas o negócio não andou muito não, eu acho que a Patrícia não estava me levando a sério.

Não existia planos naqueles atos de Max. Ele queria fazer algo que a sua timidez o impedia. Ele buscava saídas, mas não tinha maturidade e idade suficientes para entender o que estava fazendo ou a adequação das suas ações.

— Que merda! Também o cara tinha doze anos, só faltava falar que estava amando! — falou Carlos e sorriu.

— É! — disse Max dando um tapa na cabeça de Carlos como forma de brincadeira.

— E como era relação de vocês? De você e da Flávia? Quando conversavam?

— Pô, a nossa relação era bem legal. A gente conversava um pouco...

— Um pouco, como assim?

— É que dependia do dia, quando tinha aula com professor substituto – que não é muito raro em escola pública – a gente às vezes conversava se estivéssemos sentados perto, pois a aula era mais tranquila, dava para terminar rápido o que o professor pedia. Agora no intervalo era mais complicado, não dava para conversar, até por que senão iam falar que estávamos de paquerinha, iam surgir brincadeiras...

— Tipo tá namorando, tá namorando! — brincou Carlos.

— É, mais ou menos isso. Mas a gente se dava bem. É que eu não lembro muito bem das datas, não sei se foi em 1999 ou já em 2000, mas teve uma vez que a gente foi para o clube Semíramis com a escola – ia ter uma apresentação artística lá – e a gente sentou junto, eu paguei uma porção de fritas para ela e tal. Mas era um sentimento de puro carinho! Embora com doze anos, tem menina que quando criança você olha e diz que gatinha e tal... Com a Flávia não, eu achava ela linda, mas não conseguia vê-la pelo lado físico... Eu acho que existia muita admiração entre a gente, nós tínhamos doze anos, mas éramos bem maduros para nossa idade, éramos dois dos melhores alunos...

A admiração entre os dois realmente era mútua e fornecia a impressão errada para Max de que ele tinha que ser o mais correto possível para impressionar a Flávia. Mas isso não era necessário, a admiração dela surgiu naturalmente.

— Por isso a sua implicância por eu ter chamado a Bianca de gostosinha?

— Não, não é isso. Sei lá, talvez...

— Vai, continua!

— Mas aí eu fui percebendo que a minha relação com a Flávia ia crescendo... E eu estava muito irritado, pois eu via que a Patrícia não estava me ajudando em nada. Às vezes eu ficava

olhando para a Flávia de propósito e quando ela me olhava eu desviava o olhar... Eu queria forçá-la a perceber que eu gostava dela!

— Acho que essa não é a melhor estratégia.

— Pois é, mas eu tinha doze anos... Aí teve um dia que eu disse para a Patrícia: “pode contar”. Eu já estava desanimado com a situação. E ela me perguntou se era para contar para a Flávia sobre eu gostar dela mesmo e eu confirmei e foi....

— Você devia estar “gelando” de medo. — comentou Carlos.

— Ô! Mas eu sentia, já acreditava um pouco que talvez ela gostasse de mim. Só que eu era tímido e não conseguia ver nenhuma forma de fazer as coisas avançarem, sei lá...

A conversa fluía naturalmente. Brincadeiras, pontos de tensão que existiram no início da conversa já não apareciam mais, ou pelo menos apareciam em menor grau. Max só procurava lembrar de cada detalhe, quase que revivendo cada momento, enquanto Carlos procurava apenas ouvir o amigo sobre o seu romance, um romance que aos poucos ele ia percebendo que era bem diferente dos romances que teve. E Max continuava a história:

— E a Patrícia contou!

— E aí, o que aconteceu? — perguntou Carlos.

— Aí vem uma cena que eu não me esqueço... A Flávia veio até a mim e perguntou sorrindo: “é verdade?”. E eu perguntei: “o que?”. Ela ainda esperou alguns segundos até que ela disse: “não, nada!”.

Max continuou com a expressão um pouco triste, transparecendo um pouco de saudade, um pouco de nostalgia, soltando algumas poucas lágrimas enquanto falava.

— Eu não estava nenhum pouco preparado para encará-la de frente e quando ela veio eu literalmente “gelei”. E ela também era muito tímida, jamais ia responder o meu “o que?”, falando do que tinham lhe contado e tal... Por incrível que pareça, é uma das poucas coisas que fiz que eu posso dizer que me arrependo!

— Não, eu entendo, só que...

Max interrompeu e disse:

— Eu sei, eu era uma criança ainda, mas... Eu teria inúmeras chances de novo, mas aquele era um momento que eu tinha que ter aproveitado!

“Meu Deus, ela estava sorrindo! Estava na cara que ela gostava de mim ou que pelo menos ficou feliz de saber que eu gostava dela...”, pensava Max. Aquela inquietação no breve diálogo com Flávia foi, até então, o malefício mais claro que a sua timidez lhe trouxera. Nos dias posteriores àquele se sentiu um “banana”, uma pessoa sem atitude, um frouxo. Mas, mesmo assim, não teve a coragem e desenvoltura suficientes para mudar sua postura. Somente uma pessoa que é ou foi tímida sabe o quão difícil é lidar com a timidez.

— Mas você poderia ter a procurado no dia seguinte.

— Eu era tímido demais para isso..

— É fod...

Max pegou seu caderno de anotações novamente e disse:

— Charles Talleyrand-Périgord: “Uma mulher perdoará um homem por tentar seduzi-la, mas não o homem que perde essa oportunidade quando ela lhe é oferecida.”

— Meu, estamos falando de crianças...

A sala ficou em silêncio durante uns trinta segundos. Max colocou o seu caderno ao seu lado na beira do sofá e continuou:

— E cara, era muito complicado! Na minha cabeça passavam mil coisas! Eu era muito tímido então não conseguia me abrir com meus pais, minha irmã... Eu não tinha a mínima idéia se eu era jovem demais ou não para ficar com alguém, se meus pais brigariam... Passavam mil coisas na minha cabeça!

Seus pensamentos naquele momento vinham como lanças em seu peito. Naquele momento recordar não era viver, mas sofrer. Ele buscava a distância das lembranças. Respirou, pausou a fala alguns segundos, e buscou prosseguir a história sem voltar àquele fato.

— Depois os dias foram passando, a gente fingia que nada tinha acontecido, e ficamos só amigos. Eu lembro das brincadeiras que a gente fazia... Eu não lembro se na sexta ou já na sétima-série, num dia que a gente tava falando sobre novela, aí eu brinquei que eu era o Mateo, personagem do Thiago Lacerda em Terra Nostra, era o

galã do momento e tal... Eu lembro de cada sorriso dela, dela rindo me chamando de Mateo...

— Você ser o Mateo é complicado, hein? — falou rindo Carlos.

— Eu sei, era brincadeira, para tirar sarro...

Max continuou falando, sorrindo levemente:

— O que eu sentia por ela era lindo! Eu queria que o primeiro beijo fosse com ela, eu pensava em tanta coisa... Nesse tempo que passou depois eu poderia ter namorado várias meninas e tal, mas seria muito difícil eu me sentir melhor do que quando eu conversava com ela, do que quando estava com ela...

— Cara, então você a amava?

Max pensou muito antes de responder, os olhos ficaram lacrimejando um pouco.

— Se eu for seguir seu critério de amor, meu amor era maior que o universo! — disse em tom descontraído.

— Amava? Não tente fugir da pergunta.

— Sabe o que é perceber que não dá mais, que acabou? — perguntou Max chorando.

Algumas lembranças tinham voltado à mente de Max.

— Cara, quer parar? — disse o amigo olhando de forma amiga.

Max enxugava as lágrimas e se mostrava extremamente desconfortável. Por um momento pensou mesmo em parar a conversa sobre seu romance do passado. Há uns quatro anos atrás ele compôs e escreveu as seguintes frases em seu caderno:

As lágrimas decorrentes de uma lembrança são um sinal de vida, de emoções e de que páginas foram escritas. Ter lembranças que te levam às lágrimas na frente de outras pessoas é permitir que sentimentos como pena e inveja sejam deferidos acerca de sua vida, permitir que indivíduos intuem conhecer suas emoções sendo que nem você próprio as conhece e se sujeitar a ouvir essas pessoas te dando conselhos de como mudar o enredo de sua história, como se compusessem como Shakespeare.

Essa visão ainda persistia na cabeça de Max. Contudo, refletiu que já havia começado a contar a história e de que nada adiantaria encerrar a conversa naquele instante.

— Não! Eu vou te contar a história toda e vai entender, mas o duro foi chegar num determinado ponto e perceber que o tempo jamais voltaria, que não haveria segunda chance e que tinha perdido a Flávia.

Max e Flávia finalmente

Era nítida para Carlos a dificuldade do amigo para não chorar. Max tentava passar o dedo indicador discreta e rapidamente nos locais de seu rosto onde as lágrimas escorriam. Tentava desviar seu pensamento, fugir um pouco das recordações para espantar as dores do momento. Embora cabisbaixo se esforçava para continuar contando e, então, procurou responder a pergunta pendente de Carlos, sobre se amava ou não a Flávia.

— Cara, todo mundo tem uma definição de amor. Eu não consigo afirmar com certeza que a amava, amo, sei lá... Eu não sei o que é o amor. Todo mundo fala e poucos sabem, eu acho. Segundo os Titãs só existem provas de amor, para o *The Darkness* “*love is only a feeling* (o amor é apenas um sentimento)”, e por aí vai... Cada um tem sua interpretação.

— Segundo a sua interpretação você a amou?

— Qual a sua definição de amor?

— Sei lá. Eu não sei explicar.

Carlos, com certeza, tinha e poderia conseguir explicar, nem que razoavelmente, sua definição de amor. Mas ele não se sentia seguro e confortável falando sobre “assuntos mais femininos”. Não veio isso à mente dele naquele momento, mas tinha um machismo inconsciente que o fazia não se sentir à vontade caso demonstrasse uma maior sensibilidade.

— Há uns cinco meses eu fiz um poema de brincadeira falando sobre isto. Eu vou lê-lo para você.

Max pegava novamente o seu caderno de anotações enquanto Carlos dizia de forma folgaz:

— Deixa esse caderno comigo depois que terminarmos a conversa. Aí deve haver umas preciosidades!

— Depois a gente vê. E não está muito organizado, não sei se vai conseguir entender...

— Vou sim! Mas beleza, lê aí.

— Quando falar no amar entenda o amar de homem-mulher, de relacionamento.

— Tá, vai.

Max com o caderno nas mãos começou a ler o seu poema, que aparece abaixo:

Se eu sei o que é “o amar”?
Não senti, não vivi, eu só ouço falar.

Mas me parece ser como uma obra de arte
Uma bem moderna e surreal
Da qual qualquer um pode fazer parte
Onde um a outro não pode ser igual.

Amar não é sorrir ao desafino de uma voz
Ou sorrir ao receber flores
Amar deve ser em um grande momento de decepção
Não conseguir cogitar outros amores.

Mas como não senti, nada deverei saber
São só idéias, hipóteses, suposições...

Enquanto ouvia por um momento passou pela mente de Carlos pensamentos que diziam coisas como “que lixo!”, “que poema gay!”. Ele queria ouvir e procurar entender o que o amigo falava, mas automaticamente na sua cabeça havia uma resistência. Resistência esta talvez resultado de uma sociedade dita moderna na qual os jovens aprendem que poesia é algo brega. Não que o poema de Max seja uma obra de arte, mas independente da qualidade do poema o preconceito automático viria à mente dele. Num período em que os jovens de classe média brasileira consomem seriados e filmes norte-americanos, pode-se dizer que num primeiro momento aquilo não parecia nada *cool* (legal) para ele. Carlos pegou o caderno e disse:

— Deixa eu dar uma olhada...

— Depois você olha. Não quer que eu conte a história?!

Carlos deixou o caderno na pequena mesa da sala.

— Vê aí pelo menos se ainda tem algum outro ensinamento a me passar, outra citação a fazer. — disse Carlos com hílare.

— Não sei, acho que não. Tudo no seu tempo.

— Vai, continue então.

— Calma aí, tem algo sim! Mas essa frase eu lembro de cabeça, eu nem preciso ler.

— Vai, fala.

— “Beleza não é tudo”. Viu? Fique tranquilo. — disse Max ameaçando um sorriso.

É incrível, em quase toda a conversa entre os dois sempre aparece uma piada infame, da qual ninguém jamais riria.

— Há há há! — falou Carlos ironicamente. — Continua isso vai! Pelo poema, então, você quer dizer que não sabe mesmo se a amou?

— É, acho que sim.

— Calma, espera um pouco... Você não conseguia pensar em ficar com ninguém quando convivia com a Flávia, né?

— Sim. — respondeu Max.

— Então você a amava! Não disse que deve ser não conseguir cogitar outros amores?

— Num grande momento de decepção! Eu não tive decepção com a Flávia. É fácil não querer gostar de outra quando a pessoa que você está apaixonado é uma pessoa pela qual tem grande admiração, entende?

— Acho que sim...

Carlos ficou bem pensativo com a resposta do amigo.

— Como você sabe o que foi causa e o que foi consequência? Isto é, será que você não começou a admirá-la por estar apaixonado? — perguntou o rapaz.

— É, eu nunca tinha pensado por esse ponto de vista... Talvez. A “cegueira” da paixão, encantamento... Que eu disse, né?

— É.

O silêncio imperou na sala durante uns trinta segundos. Max nunca tinha pensado daquela forma. Ele procurou lembrar quando foi a primeira vez na qual viu a Flávia como uma “garota perfeita” e

rapidamente buscando lembranças concluiu que quando isto ocorreu já devia estar apaixonado.

— Agora, se o que senti pela Flávia era amor, eu acho que concordo com esta frase do Shakespeare...

Max pegava o caderno de anotações novamente.

— Sabia que tinha mais citações, falei! Lê aí mais uma...

— “É muito melhor viver sem felicidade do que sem amor”.

— Você acha?

— Acho que sim. Mas eu prefiro ter os dois!

— É um pouco relativo isso... Não dá para isolar perfeitamente amor de felicidade.

Carlos estava certo, mas o que Max queria dizer é que o ideal de felicidade dele contém a construção de uma relação amorosa sólida com uma mulher com o possível nascimento de filhos e a formação de uma família. A frase de Shakespeare não era a ideal para expressar sua visão. Ele tinha o pensamento de que jamais conseguiria ser plenamente feliz sem estar amando uma mulher.

— Em que ponto da história a gente está mesmo? — perguntou Max, deixando novamente seu caderno de anotações na pequena mesa da sala.

— Eu lembro que ela perguntou se era verdade, você negou, e você disse que continuaram amigos...

Teve um episódio que explica um pouco como foi o período após o diálogo em que Max não teve coragem de se declarar para a Flávia. A maioria das meninas tem um cuidado extremo com seus cabelos e era assim com as meninas da sexta-série A do colégio Garbi. E os meninos sabiam disto e alguns deles adoravam ficar puxando o cabelo de algumas meninas, entre as quais a Flávia. Max até então nunca tinha feito isto, mas como às vezes via alguns de seus amigos fazendo sem deixar a Flávia brava, um dia, quando estava em pé perto dela, puxou devagar o seu cabelo, somente como forma de brincadeira. Contudo, a menina o olhou transparecendo estar bem brava, o que para o garoto foi algo bem chocante. Na verdade, ela não estava brava, mas era apenas uma manifestação da insatisfação dela. Insatisfação com a falta de atitude dele, com sua postura após aquela informação que recebeu de Patrícia. Flávia

estava começando a gostar de Max, descobrira que ele gostava dela e... E nada! Nada no dia seguinte, nada na semana seguinte, etc. A situação para ela foi quase tão ruim quanto a situação para ele.

— Ah tá. Aí já em 2000, na sétima-série, a Flávia começou a namorar um tal de André. Eu era loucamente apaixonado por ela e eu acho que ela chegou a gostar de mim só que era só uma paquera simples e tal. E como eu não fazia nada... E a família dela era bem religiosa e esse menino ela conheceu na igreja e tal. Tudo favorecia a isto!

— E aí, fez alguma coisa?

— O que eu poderia fazer? — indagou Max ameaçando um riso. — Eu lembro como foi ruim quando algumas vezes ela escreveu na lousa “Flávia e André”, sabe? Mas aí eu comecei a me conformar um pouco.

— Não me diga que já está acabando a história! Depois você fez alguma coisa, né? Eu lembro que disse uma vez que teve mais ou menos um “rolo” com ela...

— Fique tranquilo que a história é longa. Bem longa! Não sou um frouxo, ou sei lá o que que está pensando. Só que ao mesmo tempo eu não ia querer estragar namoro de ninguém, né?

— Tá, vai, segue contando.

— E eu “puto da vida” com a situação ainda tive que aguentar um babaca que veio falar comigo que gostava da Flávia. Um idiota! Praticamente a sala toda sabia que eu gostava dela e ele vem falando isto para mim. Falava para gente falar em código, Flávia era Flamengo...

— Não é mole... Mas você tinha que ter mais atitude. Você não podia reclamar muito não.

— Eu lembro que uma vez eu fui falar com a Patrícia, não lembro se falei, se fiz algo que deu para ela perceber, eu sei que ela perguntou: “ainda está gostando da Flávia?”. Isso me deu uma raiva! Eu vi que ela nunca levou a sério o que eu sentia pela Flávia. Eu queria muito poder haver tido a Carina por perto. Aquela amiga que disse que era mais velha, tinha dezesseis anos... Ela tinha começado a estudar de noite na sétima-série.

Na sétima-série, 2000, Max estava literalmente refém da sua timidez. Não fez nada para conquistar a Flávia, nem pensou em fazer. Se acomodou! O namoro de Flávia era o que precisava para não ver mais com culpa o fato de não estar buscando meios para ficar com a menina pela qual havia se apaixonado. A timidez é algo que pode dificultar a vida, mas sozinha não consegue impedir alguém de fazer algo. Simplesmente colocar a culpa nela é uma atitude de pessoas fracas e covardes. Max não só pensava que era um “banana”, de fato ele foi um naquele ano.

Max seguia contando:

— Mas aí o ano foi passando... Até que no final do ano a Flávia se inscreveu para entrar numa escola municipal da cidade no ano seguinte. Foi triste, no último dia de aula eu olhava para a Flávia como se fosse o último dia que iria vê-la na vida! Mas eu também não sabia se não estava superestimando meu sentimento, eu pensava que podia esquecê-la e tal...

Os dias após o término do ano letivo em 2000 foram bem árduos para Max. Independente de não estar namorando a Flávia, de até haver dias em que mal conversava com ela, ele a via todo dia, a esperança estava com ele. Sempre existia a expectativa pelo dia seguinte, não necessariamente uma expectativa de conquistá-la, de reverter a situação, mas a simples certeza de que desfrutaria de sua companhia. E Max não conseguiria esquecer nos primeiros meses após a sua saída do colégio Garbi.

O garoto viveu a despedida mais dura, aquela a qual você sente que no futuro talvez não esteja mais no coração da pessoa ao qual se despede e ama. Ele a amava, embora não soubesse. Era uma amor sem raízes profundas, em construção, que talvez o tempo até pudesse apagar. Pudera também, somente tinha treze anos naquele período. Contudo, ele tratou de fazer com que seus sentimentos por ela não sumissem de seu coração. A partir de janeiro de 2001 começou a escrever em um caderno pensamentos e poemas destinados à Flávia, o que culminou na sua mania de fazer anotações em cadernos. Sabia que não se tratava de uma forma de aliviar seus sentimentos, mas sim de procurar evitar que eles se apagassem. Em

hipótese nenhuma queria esquecer a Flávia. Abaixo o primeiro escrito dele em seu caderno:

Flávia simplesmente
Linda não somente
Sentimento inocente
Paixão reluzente
Despedida de repente
Saudade veemente
Carinho permanente

A conversa prosseguia com naturalidade. Agora viriam os bons momentos para serem contados, o que fazia Max ficar um pouco temeroso. A nostalgia viria e não sabia o quão seria adequada aquela situação. Para Carlos a história era um pouco surreal. “Como pode um menino com seus doze, treze anos estar tão apaixonado?”, pensava. O fato é que talvez seja raro somente estar um pouco verdadeiramente apaixonado tão jovem. Só que Max teve essa dádiva. E a tendo fez de tudo para que seu sentimento crescesse, pois independente de estar ou não namorando a Flávia, ele simplesmente gostava do que sentia.

— Mas você era bem bundão, hein? — disse Carlos quase rindo.

— Mas você está se divertindo, né? Para você é tudo engraçado, não era você! Continuando... Aí, já em 2001, cada dia que eu saía eu torcia pela sorte de encontrar a Flávia, principalmente quando eu andava nos arredores da onde supunha que morava a tia dela. Até que um dia, sei lá, deve ter sido em agosto de 2001, eu encontrei a Flávia na rua. Eu estava indo à casa de um amigo chamá-lo para irmos jogar tênis no Semíramis até que vi a Flávia pelo caminho com um menininho de uns sete anos do lado.

— Caramba! Não me diga que era o novo namorado dela? — disse Carlos a gargalhadas.

— Não! Bobo... Não sabia o que dizer, ela estava linda, mais linda! A gente só se cumprimentou e só. Eu não sei o que mais eu podia ter feito, se ela tivesse sozinha, sei lá.

— Tá brincando, não fez nada?!

— Não! Mas se me deixar continuar...

— Vai.

— Eu sei que nesse período já rolava umas fofocas na escola que a Flávia tinha terminado com o André. E tinha um garoto amigo nosso chamado Fabrício. Eu não lembro se ele veio falar comigo ou se eu o vi conversar com alguém, mas eu sei que ele tinha contato com o ex-namorado da Flávia, o André, e ele disse que o André falou que a Flávia falava muito de mim, demais mesmo! Eu sei que ter ouvido aquilo foi uma bomba de combustível em mim! Me fez querer lutar pela Flávia.

— E aí, finalmente decidiu fazer alguma coisa?

— Fui a luta amigo! Não tinha mais doze anos, agora tinha catorze! — soltando alguns risos após a fala.

Nesta fase Max estava determinado a tentar conquistar a Flávia. “As oportunidades não perguntam a nossa idade” pensava. Naquele momento tudo era mais claro para ele, seus sentimentos e suas dores. Queria fazer algo e sabia que isso implicaria ter que lutar contra a sua timidez.

— É, agora era um homenzinho. — brincou Carlos. — E então, o que você fez?

— Primeiro tive que contar toda a história para a Denise. Não foi fácil! Fiquei super tímido e tal, mas consegui. Hoje eu tenho medo de pensar na hipótese de a Denise ter gostado sério de mim. Pois teria sido crueldade minha pedir ajuda para ficar com a Flávia! Teve um dia, ainda na sétima-série, que as meninas estavam brincando de dar nota para os meninos da sala, mais pela beleza e tal. Eu não lembro se eu vi a nota que a Flávia me deu, eu acho que eu vi e não era muito alta não. — disse rindo o rapaz. — Mas eu lembro que a nota da Denise para mim foi alta, oito ou nove, não lembro. Eu acho que ela deu mais pela amizade, pois a nota do Daniel também foi alta eu acho, mas sei lá. Fico com um medo de ter vacilado com ela.

Max poderia ter buscado contar a outra menina que tivesse contato com a Flávia, no entanto Denise era a única menina da sala que confiava e que poderia fazer este favor a ele.

— Ah, mais complicado, né meu? Não tem muito como você adivinhar. E também não é toda criança que fica apaixonada da forma como ficou.

— É. — respondeu Max bem pensativo.

— De qualquer forma eu acho que ela já devia saber, né? A Flávia deve ter contado de quando a Patrícia lhe disse e tal...

— É, mas isso foi na sexta-série. Ela devia achar que tinha passado, a Flávia não estudava com a gente há mais de oito meses! Entendeu?

— É. Mas a culpa não seria sua, eu acho. Mas e aí?

— E aí que depois de contar eu falei para Denise tentar marcar da gente sair junto: eu, ela e a Flávia. Sugeri o Semíramis, já que tinha carteirinha lá, podia levar visitante, lá tem lanchonete, tem bastante coisa para fazer...

— E era um dos poucos lugares que vocês ficaram juntos fora da escola, né? Pois disse que foram lá com a escola.

Max pensou um pouco e respondeu:

— Acho que até então era o único, viu? Acho que era mesmo.

— Então era o lugar perfeito! — brincou Carlos.

A conversa com a Denise havia sido bastante difícil para a menina. Max disse que queria conversar com ela assim que soou o sinal para o intervalo das aulas. As impressões que ele tinha sobre o fato de Denise poder gostar dele eram corretas. Imagine o que ela pensou quando o garoto a chamou para conversar a sós, extremamente acanhado, nervoso e claramente sem desenvoltura. Parecia para ela que um momento mágico estava por vir, quando justamente seria para seu coração inicialmente algo de caráter inverso. Com a ressalva de que o sentimento de Denise por Max não se comparava com o sentimento dele por Flávia.

Max perguntou inicialmente se Denise ainda tinha contato com Flávia, embora já soubesse que sim. A conversa foi fluindo com dificuldade, mas ao mesmo tempo com alegria por parte dele por haver quebrado a barreira das primeiras palavras, que são sempre as

mais difíceis. Já para a menina era uma grande mistura de sentimentos e que não podiam se deixar expostos. Por fim, ele simplesmente pediu para que visse com a Flávia se ela poderia sair junto a eles e quando poderia sair. Não pensou em maiores planos ou numa mensagem mais elaborada para que Denise deixasse a Flávia.

Denise era bem correta e, embora tenham passadas algumas dúvidas na sua mente, ela aceitou o pedido de Max e narrou toda a conversa para Flávia. No fundo ela queria acreditar que aquela ajuda a beneficiaria no futuro. Como se estivesse subindo no conceito do garoto. Flávia ficou inicialmente surpresa, mas rapidamente animada.

— Então, a Denise conseguiu marcar o encontro!

— E aí?

— E aí foi tudo perfeito!

— Vai, conta!

— Nós nos encontramos na entrada do Semíramis. A gente não estava muito à vontade... Até que assim que entramos no clube a Denise disse que ia ao banheiro, para que eu e Flávia pudéssemos ficar a sós. E aí vem um diálogo que eu não esqueço!

Max narrou palavra por palavra para Carlos o primeiro diálogo a sós que teve com Flávia no reencontro deles:

— É verdade!

— O que? — ela me perguntou sorrindo.

Nossa, como o sorriso dela era lindo! E eu disse:

— Quer dizer, talvez mentira. — disse, meio que fechando os olhos, fazendo um charminho para ela.

E ela perguntou:

— Do que você está falando?

E eu disse:

— Se a Patrícia em algum momento chegou para você e disse que eu gostava de você... — parei e respirei fundo. — É mentira, eu não só gosto de você, eu sou louco por você!

E eu estava gaguejando para boné! E eu continuei:

— Você é linda demais!

E ela disse:

— Por que demorou tanto?

Ela abriu um imenso sorriso! Era um sonho! Era como se eu quisesse cantar a música do U2: "*Beautiful Day*..." E eu lembro como se fosse ontem, eu fiz o movimento para a beijar e ela me disse:

— Você pensa que é assim é? Por que eu deveria te beijar?

Eu quase cantei para ela a música da Marisa Monte: “Beija eu, beija eu me beija”... Estou brincando! Acho que ficaria mais meigo se tocasse Kiss Me (música da banda Sixpence None The Richer). Mas eu respondi:

— Por que? Por que ninguém sente por você o que eu sinto!

E ela respondeu:

— O que você sente por mim?

— Eu sinto que um sorriso pode mover montanhas, eu sinto que vale a pena gaguejar se for para olhar o seu rosto... Eu sinto carinho pela sua doçura, eu sinto arrepios com a sua proximidade, eu...

Até que ela me beijou!

“Como esquecer aquele momento?”, pensou Max. Tudo foi muito bonito, algo que nenhum sonho do Max poderia captar. Inesquecível! Ele lembrava de cada detalhe. Da sandália cor de pele que ela usava, da saia jeans que batia em seus joelhos, da bela camiseta com listras horizontais em salmão, amarelo, branco e vermelho. Também lembrava do sol tímido que fazia naquela tarde de início de primavera e da quadra de basquete que estava um pouco atrás deles naquele momento, e que o fez ficar com um pouco de medo no início do diálogo, com medo de que os meninos que estavam jogando o observassem. Era uma sexta-feira, dia 28 de setembro de 2001. Justamente num dia vinte e oito, dia de seu aniversário, que é no mês de julho. Vinte e oito também foi o número de chamada de Flávia na escola no ano em que se conheceram. Número adotado como seu número da sorte.

Os números dos dois na escola chamavam um pouco a atenção de Max na sétima-série do ensino fundamental. Na sexta-série o número do garoto era 10 e o de Flávia, como dito, 28 (os números seguiam ordem alfabética, numerando primeiro os homens e depois as mulheres). Já na sétima o dele era 11 e o da menina 29. Nos dois anos o número de Max era a soma dos números de Flávia. Talvez coincidência, mas para ele algum sinal, como se estivesse no destino que teriam que ficar juntos.

— Ainda bem que ela me beijou, pois tinha acabado meu estoque de palavras na hora e eu estava muito nervoso!

— Que da hora! Mas e aí?

— Eu lembro dela perguntando depois: “não é a fé que move montanhas?”... — comentou Max, saindo um leve sorriso de seu rosto. — E aí que foi o máximo, foi sensacional!

— Foi o seu primeiro beijo?

— Foi.

— Com catorze anos?

— É.

— Ainda bem que ela topou sair com você e com a Denise, senão você ia fazer o filme “Nunca Fui Beijado”! — falou de forma descontraída Carlos.

Finalmente o romance que Max sempre havia sonhado tinha se concretizado, mas ele pouco descreveu para Carlos o belo período de seu namoro com a Flávia. Isto ocorreu pois seu amigo ficou muito ansioso para saber o motivo do namoro ter terminado e também para saber o que tornou a relação inviável. E também era muito difícil para Max contar com detalhes os momentos dele junto com a Flávia, seja por não conseguir lembrar mesmo ou pela forte nostalgia que as lembranças lhe trariam.

Max falou o extremamente essencial para que Carlos entendesse razoavelmente sua história e toda a ligação que construiu com a Flávia. Momentos lindos, indescritíveis, “nossos dias”, como pensava o rapaz. Ele deixou muitas lacunas – algumas até por falta de conhecimento acerca de alguns fatos – presentes em sua conversa com Carlos na história que lhe é contada, fazendo-se necessária uma intervenção na conversa deles para uma explanação de como foi o núcleo do relacionamento de Max e Flávia e como ele se desenvolveu. Logo, faz-se necessário voltarmos à primavera de 2001.

Dias Inesquecíveis e Indescreitíveis – “Nossos Dias”

O segredo da felicidade é encontrar a nossa alegria na alegria dos outros.

Alexandre Herculano

Uma legítima namorada

Primavera de 2001

Para Max o encontro com Flávia estava lindo, seus primeiros beijos na menina dos seus sonhos soavam como a mais bela poesia em seus ouvidos. Após pararem de se beijar, os dois estavam um em frente ao outro, paralisados, sem saberem o que falar. “Estamos namorando? O que faço agora? O que digo? Eu não sei, não sei!”, pensava Max. Para Flávia as dúvidas eram ainda maiores, pois ela que havia tomado a iniciativa de dar o beijo. Não sabia se tinha sido precipitada, se era aquele o momento, etc.

O garoto começava a esbanjar que iria falar e a menina pensava: “o que ele vai dizer? Meu Deus, o que ele vai dizer?”. E ele deu fim ao silêncio:

— O que você quer fazer?

— Eu quero ficar com você! — respondeu Flávia sorrindo.

Nem em seus sonhos mais otimistas Max tinha imaginado uma fala desta, vindas com uma doçura que Flávia sabia que o cativava.

Não se podia dizer que a menina estava apaixonada como ele estava, mas certamente ela estava disposta a estar. O garoto tímido, que parecia centrado, “charmosinho” nas palavras de Flávia para suas amigas, com quem um dia vislumbrou um romance, de repente havia reaparecido querendo marcar um encontro. Querendo fazer de tudo para revê-la, como se fosse um príncipe vindo resgatar sua princesa. A história lhe soava muito bonita para não se encantar.

— Parece que era ontem quando a gente estudava junto na escola, né? — disse a menina.

— Na verdade parece que foi há um século!

Denise, olhando de longe, percebia que o romance idealizado por Max havia se concretizado. Sentiu uma leve tristeza, mas sem pensar muito caminhou em direção aos dois.

Após conversar rapidamente com o casal que havia se formado Denise disse que iria embora para que os dois pudessem conversar a sós. Pediram para ficar, mas mais como um gesto de educação do que uma real vontade do recém-casal.

Com Denise já decidida a ir embora Max ofereceu pagar um táxi – com parte de um dinheiro que era fruto de economias que já vinha fazendo há um bom tempo –, mas ela não aceitou, até por que sabia da confusão que podia ser gerada caso alguém a visse chegando em casa de táxi. Max e Flávia ficaram juntos com Denise no ponto de ônibus que fica em frente ao clube à espera do ônibus que a levaria para sua casa.

Após Denise partir, Max e Flávia entraram novamente no clube e seguiram conversando, felizes mas também um pouco acanhados. A conversa não seguia com naturalidade, não fluía, um dos dois sempre tinha que tomar a iniciativa de buscar um assunto que nem sempre era atraente aos ouvidos do outro. Até o dia anterior eram ex-colegas de escola que não tinham uma conversa há quase um ano e de repente se viam numa situação oposta, sozinhos, eram um casal. “Somos namorados? Estamos namorando?”, pensavam os dois, mas nenhum deles tinha coragem de perguntar.

— E como está na nova escola? — perguntou Max.

— Ah, está ótimo! Só que não tem nenhum menino tão charmoso quanto você!

Mais gentil a Flávia não poderia ter sido aquele dia. Ela sentia o quanto Max estava nervoso e como ele estava tímido. Se ele não conseguia arranjar formas de se sentir mais à vontade ao lado dela, se sentir íntimo, ela buscava lhe mostrar que ele nada precisaria fazer para conquistá-la, embora houvessem muitas dúvidas na cabeça da menina. Mas ela sabia que aquele não era o momento de exigir, mas sim de buscar formas para fazer com que as palavras de Max saíssem com mais fluidez. O fato de ele ter marcado o encontro e suas palavras para com ela no início do encontro já lhe pareciam provas suficientes.

— É sério tudo aquilo que disse que sente por mim? Ou era só para ganhar um beijo?

— Naquele momento eu não pensei em nenhuma palavra que estava dizendo...

— O que?

— As minhas palavras não vinham da mente, vinham do coração.

E a Flávia soltou seu lindo sorriso. Max aos poucos ia se soltando, via que o seu nervosismo não tinha sentido. Não estava em situação de risco ou pelo menos a Flávia não deixava transparecer isto a ele.

— E você, o que sente por mim? — perguntou Max.

— Eu só sei que o meu coração dispara quando estou do seu lado! Me abraça vai!

A cada momento em que o nervosismo e a timidez de Max poderiam atrapalhar o encontro a doçura de Flávia encontrava uma gentil forma de intervir, de deixar tudo mais fácil. Aos poucos, os dois já se sentiam namorados.

Max via num rosto mais maduro, num corpo mais desenvolvido a mesma Flávia de anos passados. A mesma doçura, a mesma placidez em seu semblante, o mesmo sorriso e olhar ternos. Ela também via no novo o antigo Max. Estava ali a mesma seriedade agregada a uma leve descontração sempre gentil para com ela. Lábios que soltavam belas palavras quando não se deixavam reféns da timidez e um semblante afetuoso que ela julgava extremamente raro. “Mas mais alto, um pouco mais alto”, percebia Flávia.

— Mas não vai ser fácil a gente... — disse a menina até ser interrompida por Max.

— A gente o que?

— A gente ficar junto. Eu disse para minha mãe que ia sair só com a Denise hoje. A minha mãe tudo bem, ela é tranquila. Mas não sei, meu pai... — disse Flávia, demonstrando uma nítida preocupação.

— Você acha que seria melhor eu falar com eles.

— Não! Eu nunca falei de você, depois começo a namorá-lo...

— Mas o que pensa em fazer?

— Eu vou contar para minha mãe que te encontrei, como se fosse por acaso. E aí das próximas vezes a gente sai com a Denise,

ou pelo menos eu falo para minha mãe que combinei de sair com você e com a Denise ou com você e com outras pessoas. Até que chega num dia que eu falo que estou apaixonada.

— Irá ter próximas vezes? — perguntou Max sorrindo levemente.

— Só depende de você.

— Então já pensou em tudo?

— É, mais ou menos...

Por um breve instante, após ficar um tempo pensativo Max esbanjou um sorriso e disse:

— E como que está o nosso relacionamento, hein? Estamos namorando?

— Acho que sim. — disse Flávia, olhando para Max de lado e franzindo um pouco o rosto com um iminente sorriso querendo sair pela sua boca.

— A gente precisa se conhecer melhor!

— Como assim?

— Se você é minha namorada tenho que te conhecer. Qual seu prato preferido?

— Sei lá... Amo pizzas! Calabresa, Mussarela... E o seu prato predileto?

— Acho que churrasco. Bebida?

— Suco de abacaxi.

— Gosto bastante de vários sucos de frutas, mas tomo mais coca-cola. Hobby?

— Nossa, não sei... Ouvir música talvez.

— Amo esportes, futebol e tênis principalmente. Ler e ouvir música também. Homem bonito?

— Rodrigo Santoro. — respondeu após dar um breve riso.

— Rodrigo Santoro? E eu fico aonde? — perguntou Max de forma descontraída.

— Ah, você é bonitinho, mas o Rodrigo Santoro... Mas e você? Qual a mulher mais bonita que já viu?

— Flavinha mia (minha em italiano) — disse o garoto soltando um sorriso. — Cor?

— Verde.

— A minha é azul. Mas verde? Eu não lembro de ter visto você com roupas verdes...

— É que na escola tinha que ir de uniforme. E mesmo quando ia de blusa, a maioria das que eu tenho eu ganhei.

E o “jogo” de perguntas e respostas continuou entre eles. A banda predileta de Flávia era Hanson e a de Max era Creed, e o programa de televisão preferido de Flávia era o seriado norte-americano *Gilmore Girls* – que só conseguia ver às vezes na casa da tia, já que sua família não possuía televisão a cabo – enquanto Max teve dificuldade para definir seu programa predileto, mas citou o desenho *Super Campeões* e o seriado adolescente *Malhação* entre os seus favoritos.

O casal seguiu conversando durante um bom tempo. A nova escola de Flávia e algumas lembranças de fatos envolvendo um dos dois no passado foram os principais assuntos. A conversa perdia um pouco a fluidez às vezes por falta de assunto.

— Quer jogar alguma coisa? — perguntou Max.

— Não.

— Pingue-pongue?

— Não, não quero não.

— Você ficaria linda vestida como uma tenista. Tão linda quanto a Martina Hingis.

— Quem é Martina Hingis?

— Uma tenista.

— Então ela é sua musa?

— Não, não. Só acho ela bonita.

— Ah tá.

Max por alguns instantes ficou pensativo. Percebeu que tinha feito uma má escolha para o lugar do encontro. Ele adorava esportes, mas Flávia nem tanto. Já começava a pensar onde poderiam ir da próxima vez.

— Quer ir comer alguma coisa na lanchonete?

— Não, obrigada.

Flávia praticamente não tinha dinheiro, exceto para pagar a volta de ônibus para casa.

— Eu pago.

— Não, não quero mesmo.

— Vai, nem que seja somente um suco de abacaxi. Senão vou achar que não sou seu namorado nada.

— Tá bom, mas vou querer só um suco mesmo.

Foram à lanchonete, tomaram um suco cada e depois foram sentar num banco que estava vazio, que ficava mais distante das quadras e mais próximo da área de recreação para crianças. Primeiro os dois estavam sentados sobre o banco, mas depois Flávia encostou a cabeça sobre as pernas de Max, “como faz uma legítima namorada”, pensou ele.

Max alisava levemente os cabelos de Flávia. Um assunto ali e acolá aparecia, mas os dois se encontravam bem reflexivos, relaxando numa tarde tépida e sonolenta de primavera. Ver aquele belo rosto, aquela bela menina encostada a ele, em todos os aspectos era fantástico, surreal para o garoto. Max algumas vezes deu leves beijos na testa de Flávia enquanto ela estava deitada, beijos de carinho que ainda vinham com a pureza de uma criança.

Ficaram sobre o banco até quase cinco horas da tarde, até que Flávia disse:

— É melhor a gente ir, está ficando tarde.

— Está bem. Você vai embora como?

— De ônibus.

— Você acha que é perigoso a gente sentar junto no mesmo ônibus?

— Acho que sim. É melhor você ficar mais um tempo aqui e a gente não sair junto. Acho melhor nem sentarmos juntos no ponto! Fique aqui um tempinho.

— Mas não vai ser ruim você ficar lá sozinha?

— Não, tudo bem. É melhor, mais seguro.

— Tá bom. Toma, para pagar o ônibus. — disse Max, dando quatro reais, que seriam suficientes para pagar a ida e a volta de ônibus.

— Não precisa, obrigada.

— Claro que precisa! Não sou seu namorado? E a idéia de vir aqui foi minha.

— Não é por que é meu namorado que você vai pagar tudo. — disse, tentando devolver o dinheiro.

— Eu não vou pegar de volta. Sério, faço questão.

Flávia ficou um pouco brava. Seguiu com a mão estendida, sem querer aceitar o dinheiro.

— Está bem! — disse Max, pegando as suas cédulas. — da próxima vez teremos que vir de bicicleta para não dar esse tipo de problema.

— Eu acho ótimo.

— Sério?

Max adorava andar de bicicleta e na região mais central da cidade quase não existiam morros, o que tornavam viáveis passeios sobre este veículo.

— É até melhor, assim não gastamos dinheiro quando quisermos ir para um lugar um pouco longe da nossa casa, como no caso de hoje.

— É.

— Mas terá que me carregar...

— Claro.

— E não poderá me buscar em casa, né? A gente combina de se encontrar em algum lugar.

— Está ótimo.

Max e Flávia combinaram de se encontrar através de Carolina, uma prima de Flávia que estudava na mesma escola de Max, o colégio Garbi. Flávia também tinha medo de que Denise gostasse de uma forma mais especial de Max e por isso optou por sugerir que sua prima fosse o canal de comunicação entre eles.

Eles se beijaram antes de começarem a se despedir até que entre um dos beijos Max paralisou seu olhar e passou levemente o dedo indicador da mão direita sobre o rosto de Flávia com uma expressão bem serena.

— O que foi? — perguntou Flávia.

— Parece um sonho!

— Que seja assim sempre! Que todos os nossos dias juntos sejam como os mais belos e felizes sonhos. — disse Flávia, passando sua mão direita sobre parte do rosto de Max e depois o beijando novamente.

Os dois se despediram e quando Flávia já caminhava para deixar o clube ela voltou e disse:

— Ah, você tem *discman*, *walkman*, algo para que possamos ouvir música?

— Sim, eu tenho *discman*.

— Maravilha.

— Por que?

— Só traga o *discman* da próxima vez que sairmos. — disse a menina, virando-se logo após e caminhando em direção à saída do clube.

Enquanto Flávia estava no ponto de ônibus em frente ao clube Max continuou nas dependências do Semíramis para que não existisse o risco de alguém próximo aos dois descobrir que haviam marcado um encontro. Max estava radiante. “Que dia, que dia, que esplêndido dia!”, ele pensava. Era tudo muito surreal, mágico e belo para o garoto. “Ela está ainda mais linda!”, pensou ele. As lembranças de cada beijo, das palavras doces de Flávia, dos seus sorrisos lançados, tudo vinha à sua mente nos minutos que seguiram à saída do clube de sua primeira namorada.

Max chegou à sua casa por volta de seis horas da tarde. Estava numa felicidade pura, mas tinha que disfarçar para que sua mãe Nathalia não estranhasse e viesse com perguntas. Odiava falas com sucessão de perguntas, que lhe geravam grande desagrado e impaciência. Isto talvez seja fruto de um ambiente fechado que viveu na infância, onde brincava mais sozinho em casa do que na rua com amigos. Ou até mesmo pelo fato de as amizades que teve com meninas quando mais novo sempre terem sido motivo de brincadeira de seu pai ou tios, constrangimentos que podem ter de alguma forma interferido na sua introversão.

Já em seu quarto Max deleitou-se com cada lembrança. Deitado ouvia algumas músicas românticas, dentre elas *Save Me*, a única da banda Hanson, banda predileta de Flávia, que o agradava.

Há pessoas que dizem que a vida é curta, mas como reclamar se ninguém consegue aproveitá-la com continuidade, viver cada minuto, cada dia, cada passo de um objetivo. Ao final das contas, o que parece fazer a vida tão bela para os humanos são os pequenos momentos, que mostram que as vinte e quatro horas do dia ou os pouco mais de setenta anos de expectativa de vida de um brasileiro são mais que o bastante, tempo suficiente para se deliciar. Pena que na vida poucas vezes aparecem esses momentos em que se vive plenamente! Naquele passeio com Flávia Max viveu em sua plenitude e, por isto, aquele dia foi tão belo para ele.

Quase perfeito

Na segunda-feira, 1 de outubro, assim que chegou à escola Max procurou a prima de Flávia, Carolina, para saber se sua namorada já havia dito a ela que dia poderiam sair juntos, mas a menina não havia falado com Flávia ainda e iria à casa dela apenas no dia seguinte. Max estava extremamente ansioso! Naquele dia procurou então conversar com uma professora da qual gostava, Rosângela, para saber se ela conhecia algum lugar legal para passear na cidade.

Nos dias posteriores Max destinou-se a pensar em ações que poderiam deixar a Flávia feliz. Queria surpreendê-la no próximo encontro. A metáfora abaixo escrita por ele num dos dias que sucederam o primeiro encontro deles como namorados demonstra o quanto ele se preocupava em buscar ações que retratassem com lealdade o que Flávia representava para ele.

Não basta um jantar à luz de velas, há de se averiguar se o cardápio é digno de seu paladar e se a luminosidade das velas é adequada para realçar com excelência o brilho de seus lindos traços faciais.

Para Flávia não bastava fazer algo bom, ele queria fazer algo que fosse digno do encanto e da beleza que via na garota.

Na quarta-feira, 3 de outubro, ele foi falar com Carolina novamente, já que ela havia conversado com Flávia no dia anterior. A menina disse que sua namorada tinha pedido apenas para ela entregar um bilhete, como o fez na hora em que Max foi falar com ela.

— Tá bom. Eu vou lê-lo e no intervalo falo contigo, tá? — disse Max.

— Tudo bem. — respondeu Carolina.

Sua namorada não queria deixar brechas para qualquer tipo de distorção de informação e, por isto, não pediu que ela falasse nada,

mas que somente entregasse aquele bilhete que continha a mensagem que queria passar a Max.

Max havia colocado o bilhete que Carolina lhe deu no bolso. Procurou ir para um canto onde não continham pessoas de sua turma e começou a ler a mensagem que está abaixo:

Oi! Já estou morrendo de saudades! Infelizmente só posso sair segunda-feira! Eu combinei com a minha amiga Gisele de falar que sempre estou saindo com ela. A mãe dela é bem liberal, a Gisele contou tudo para ela e elas vão nos encobrir, só que sexta-feira ela vai ter que sair e não posso correr o risco de alguém vê-la sem mim, e amanhã vou com a minha mãe na casa da minha avó. Mas se puder segunda gostaria que nos encontrássemos na farmácia que tem perto da prefeitura, sabe onde é que é, né? Vamos nos encontrar lá dentro mesmo, por segurança, está bem? Quem chegar primeiro finge que está olhando remédio, qualquer coisa... Nos encontramos no corredor que vende tinta de cabelo. Combinado? Estou aguardando ansiosa sua resposta!

Beijos,

De sua namorada.

Ele ficou extremamente feliz com o “de sua namorada” colocado por Flávia no bilhete. Era como se fosse um escrito que comprovasse que as lembranças dele do dia 28 não eram referentes a um sonho.

Como a Flávia somente poderia encontrá-lo segunda-feira procurou certificar no intervalo das aulas quando Carolina ia reencontrar a Flávia, para ver se poderia deixar para responder o bilhete em casa com mais calma ou se já teria que entregar a sua resposta naquele dia mesmo.

— Carolina!

— Oi.

— Quando você vai ver a Flávia de novo?

— Acho que só sexta-feira. Precisa que eu fale algo com ela hoje?

— Não. Posso te entregar a resposta para o bilhete amanhã?

— Claro.

Além de desejar escrever com calma Max queria poder escrever quando estivesse sozinho ou pelo menos fora da escola. Até

gostaria que soubessem de seu namoro com Flávia, já que a menina era bonita, simpática, uma pessoa de mil qualidades para ele, mas primeiramente a menina lhe pediu para manter sigilo naquele momento, para que não deixassem brechas que facilitassem a informação chegar aos pais dela. E ele imaginava o quão conservadores podiam ser os pais de Flávia e, por isto, procurava não deixar que seus colegas desconfiassem de nada.

À tarde, em sua casa, Max pegou um caderno usado em outro ano no colégio e começou a escrever a resposta para o bilhete de Flávia. Por várias vezes parou e recomeçou em outra folha. Queria mandar a ela um bilhete bonito e toda mensagem que escrevia lhe parecia ruim. Contudo, depois de um tempo que ficou apenas pensando sem tentar escrever decidiu não escrever nada especial. Ele pensou: “quanto melhor for o bilhete maior será a expectativa dela para o próximo encontro e mais difícil será surpreendê-la”. Escreveu apenas a seguinte mensagem:

Por mim está ótimo! Eu vou chegar um pouco antes, já que quanto a mim não tem tanto problema se alguém me ver sozinho. Eu deixo minha bicicleta presa em algum lugar e te espero lá dentro da farmácia então.
Também estou morrendo de saudades!
Beijos,
De seu namorado.

No dia seguinte assim que chegou à escola entregou o bilhete à Carolina. Depois da entrega a ansiedade pela chegada de segunda-feira era ainda maior embora nada que o fizesse deixar de viver os dias que antecederam o novo encontro. Não era uma saudade como antes quando nem sabia se iria voltar a vê-la, agora era uma saudade sadia, um sentimento que lhe lançava sorrisos. Não existia razão para fazer da espera algo negativo.

Finalmente havia chegado segunda-feira. As falas de cada um para suas mães estavam bem ensaiadas: Max disse que ia jogar futebol com amigos e Flávia disse que ia à casa de Gisele. Ele

chegou em frente à farmácia às 13:45 e após trancar a sua bicicleta numa placa de rua adentrou ao estabelecimento. Estava com uma mochila nas costas que, dentre outras coisas, trazia o *discman* que Flávia pediu para que levasse. O garoto ficou rodeando pela farmácia até se estabilizar no corredor que vendia produtos para tintura de cabelo, conseguindo disfarçar de uma forma que sua presença não chegasse a incomodar as funcionárias do estabelecimento.

Flávia chegou três minutos antes das catorze horas. Era nítida na feição dos dois a ansiedade antes de se verem e a alegria após se encontrarem. Tudo se justificava, já que fazia dez dias que não se viam. Ela o viu primeiro e foi em direção a ele até tocar em seu ombro já lhe dirigindo a palavra:

— E o que a gente vai fazer hoje mocinho?

— Por mim a gente ia à praia, mas como é complicado... — disse Max, com os dois já se encaminhando em direção ao local onde estava trancada a bicicleta dele.

— Você quer me ver de biquininho, né? — perguntou Flávia, levemente risonha.

— Não posso dizer que seria ruim...

— Mas e então, a onde a gente vai?

— É surpresa. Suba na bicicleta.

Max ia carregando Flávia na bicicleta enquanto conversavam sobre os bilhetes que trocaram, sobre acontecimentos em suas escolas, notícias que passaram na televisão, etc. Ao contrário do encontro passado, assuntos não faltavam, já se sentiam plenamente confortáveis conversando um com o outro.

A idéia de passearem de bicicleta não se mostrou a mais adequada. Enquanto se locomoviam em direção ao local que Max queria ir com Flávia um colega do garoto, Gabriel, os viu juntos sem que os dois percebessem. Isso acabaria trazendo dores de cabeça para os dois nos dias seguintes.

— Tá chegando?

— Calma, quase.

Flávia havia acordado extremamente disposta naquele dia. Despertar a felicidade dela não parecia das missões mais difíceis. A

idéia de um passeio surpresa, cada fala de Max, tudo lhe soava ótimo.

— Chegamos, parque Ophélie!

— Nossa, que lindo! Eu nunca vim aqui.

O parque Ophélie era muito bonito. Tinha um belo lago onde ficavam alguns cisnes, era bem arborizado, com um gramado bem cuidado e traçados sinuosos mas bem asfaltados. A professora Rosângela que havia contado a Max sobre este parque quando ele lhe perguntou sobre lugares para passear na cidade.

— Vamos parar perto daquela árvore. — disse Flávia.

— Tá bom.

E os dois, já dentro do parque, se encaminharam em direção a uma bela copaíba.

— Trouxe o *discman*?

— Trouxe sim. Trouxe CDs é?

— Sim, a gente tem que ter uma música! Todo casal tem uma música.

— E como você gosta de música trouxe estas caixinhas de som... — disse Max após abrir a mochila e pegar duas mini caixas de som.

— Que ótimo! Aqui tá meio vazio acho que não tem problema se ouvirmos nas caixinhas... É bem melhor!

Os dois estavam sentados encostados na árvore buscando ficar na sombra que a mesma fazia. Estava bem calor naquele dia e Flávia arregaçou as mangas de sua camiseta.

— Eu sempre achei lindo na escola quando você arregaçava as mangas assim na aula de educação física.

— Humn. — disse Flávia soltando um sorriso. — Então, a gente tem que escolher uma música para ser a música do nosso namoro.

— Geralmente a música de um casal surge por acaso, por estar tocando num momento especial, não é escolhida, né?

— Mas eu vou escolher, tá?

— Você tinha uma música com o André?

— Não, mas agora quero ter uma.

— Já tem alguma em mente?

— Sim! — disse Flávia, pegando um CD e colocando no *discman*.

Começou a tocar uma música com a seguinte letra: “toda vez que eu vejo você sinto uma coisa diferente, toda vez que eu penso em você...”.

— A nossa música vai ser um pagode?! — perguntou o garoto.

A música que estava tocando era “Tô te filmando” da banda “Os Travessos”.

— A letra é bonitinha!

— Não, pagode não! — falou Max, balançando a cabeça lateralmente.

— Larga de ser bobo!

Max lembraria com carinho no futuro deste acontecimento. Era extremamente engraçado para ele que Flávia tenha sugerido para ser “a música deles” um pagode. “Pagode? Que lixo!”. A música nas últimas décadas passou a ser vista pela sociedade como um traço de personalidade de uma pessoa e, juntamente a isto, foram sendo incorporados preconceitos nos indivíduos. Logicamente que a fala de Max podia representar apenas uma manifestação de um garoto que não gostava daquele gênero musical, mas aquilo parecia ser mais do que um desagrado auditivo.

— O que mais que a gente tem nos CDs que trouxe?

— Ai ai... Do que que você gosta afinal?

— Sei lá, rock, pop, não sei.

— Que tal Breathless?

Max lembrou que já tinha ouvido aquele nome, mas não se lembrava de que música se tratava. Flávia falava da música Breathless da banda irlandesa The Corrs, música pop que fez muito sucesso nos anos de 2000 e 2001. A menina tinha um gosto eclético, não lhe importava tanto o gênero musical, mas sim as letras e a temática das canções.

Flávia, então, colocou a música para tocar e, enquanto a mesma era executada, ia de certa forma interpretando a música.

— *So go on, go on, come on leave me breathless* (Então vamos lá, vamos lá, venha e me deixe sem fôlego). *Tempt me, tease*

me, until I can't deny this loving feeling (Seduza-me, provoque-me, até que eu não possa mais negar esse amável sentimento)... — cantava Flávia acompanhando a música.

Flávia se divertia sentindo que Max não estava entendendo nada a letra. Ela imitava alguns gestos da vocalista da banda irlandesa no clipe da música e ele não conhecendo a tradução não entendia nada.

— O que achou? — perguntou Flávia.

Max parou e olhou os outros CDs que Flávia tinha levado. Havia CDs de bandas de pagode, de bandas muito pop na visão dele – *boy bands*, como eram chamadas na época – dentre outras, mas nenhuma banda agradava Max. Ele pensou que não seria fácil achar uma música melhor que *Breathless* – que ao menos lhe parecia uma música agradável – naqueles CDs e concordou de aquela ser a canção deles.

Flávia possuía vários CDs em sua casa, mas quase todos eles cópias não autorizadas, isto é, piratas. A sua família era extremamente humilde e somente juntando economias durante várias semanas é que Flávia conseguiria comprar um CD original. O pouco dinheiro que Flávia chegava a ter era conseguido através de sua tia, que lhe dava alguns trocados quando a ajudava com alguns serviços de dona de casa como lavar a louça ou tirar o pó dos móveis. E a maioria desse dinheiro era empregada em CDs. Ela adorava música! Ainda na casa de sua tia tinha também a possibilidade de ver clipes musicais, já que a mesma tinha televisão a cabo que continha vários canais de música.

— Agora frase!

— O que?

— Temos que ter a nossa frase de amor!

Embora Max sempre tenha sido cauteloso com o uso da palavra amor – resultado de um dia que ouviu sua mãe criticando uma pessoa que falou que estava amando – ele não se importava com o uso desta palavra por Flávia. Ele sentia que o uso do termo era extremamente despretensioso.

— Você está de brincadeira?

— Lógico que não.

— Mulheres... Ah, eu acho que eu sei uma que pode ser.

— Qual?

— Lílian Tonet: “As pessoas entram em nossa vida por acaso, mas não é por acaso que elas permanecem.”

— Adorei, está ótimo! Agora declaração de amor! — disse Flávia arrancando algumas risadas de Max. — Você vai ter que dublar uma música de uma destas três bandas: Backstreet Boys, Hanson ou N’Sync.

— Ah não...

— Você não gosta de mim? — perguntou uma sorridente Flávia.

— Você está abusando, hein?

— Depois você vai poder exigir que eu faça uma também!

— Ai ai... Só por que eu te adoro! — disse Max, levantando-se e logo após dando três “beijos selinho” no ombro de Flávia.

— E vai ter que imitar direitinho, mesmo que passem outras pessoas olhando.

Max olhou com calma cada CD vendo quais músicas conhecia, pensou um pouco e não teve dúvidas qual banda e música ele ia escolher.

— Já escolhi.

— Ah, é? Qual escolheu?

— Mmmmbop dos Hanson. Imitá-los é mais fácil. É só eu cantar meio bobo e feliz, mexendo a cabeça pro lado. — disse Max com hílare.

— Humn, quero ver.

Max estava bem nervoso mesmo o parque estando razoavelmente vazio. Contudo também sentia que era uma demonstração de fato de seu carinho por Flávia e de que tinha mais atitude do que ela poderia pensar.

Embora não completamente desenvolvido Max cumpriu bem a tarefa. Flávia, enquanto ele dublava, achava tudo divertido. O passeio realmente estava agradando muito a garota.

— Eu te adoro! — disse Flávia após Max terminar a dublagem.

Estas três palavras talvez tenham sido das ditas por ela para Max as mais carregadas de afeto até então. Saíram de uma forma completamente espontânea e após dizê-las a menina percebeu isso. O amor é contagiante e o de Max por Flávia fazia com que fosse natural o crescimento do sentimento de sua namorada por ele.

— Lógico! Eu sou loirinho, famoso e astro de uma banda pop. — disse Max, brincando com o fato de ter imitado a banda Hanson.

Flávia riu brevemente e perguntou:

— E você, o que vai pedir para eu fazer como prova de que estou apaixonada?

— Não sei. Mas vou pedir outro dia para te pegar de surpresa!

Ela novamente deu um breve riso. O clima entre os dois era excelente. Nos minutos seguintes se dividiram entre alguns beijos, breves falas e momentos em que simplesmente os dois, um encostado ao outro, admiravam a paisagem e pensavam sobre o relacionamento deles.

— Eu fiz uma poesia e queria lê-la para você.

— Que lindo! Estou toda a ouvidos.

Max abriu sua mochila pegando a folha na qual estava escrita a poesia e a leu com um certo nervosismo:

Um sorriso inebriante
Um frisson a todo instante
O sol está pujante
Não há quem não se encante.

Estou arrepiado
Meu coração apaixonado
Isso pode deixar alguém irritado
Mas só quero estar do seu lado.

Aproveite comigo este dia
Apenas viva e sorria
Buscarei com porfia
Dar-te momentos de alegria.

— Adorei!

— SÉrio?

— Sim, ficou uma graça! Adorei a parte “isso pode deixar alguém irritado”! Está falando do meu pai, né?

— É. — respondeu Max dando um rápido sorriso.

Max estava contente pelo fato de ela ter gostado. “Isto é o que importa”, pensou ele. Contudo ele já tendo lido alguns livros de poesia sentia uma certa inveja dos poemas cheios de belas metáforas que alguns poetas fizeram. Ele queria ter o dom daqueles autores para fazer para Flávia a mais bela poesia.

Depois seguiram conversando, caminhando – após acharem um lugar para trancarem a bicicleta –, e namorando.

— Que horas você tem que ir embora? — perguntou Max.

— Umas cinco.

— Então é melhor a gente ir para um outro lugar que quero ir com você daqui a pouco.

— Que lugar?

— Surpresa!

Voltaram para o local onde trancaram a bicicleta e saíram do parque em direção ao lugar que Max queria levá-la. Max não conseguia esconder uma expressão sorridente, sinal da confiança que tinha de que as surpresas que havia reservado à Flávia agradariam a garota.

Uns cinco minutos depois de saírem do parque chegaram ao local de destino. Max parou em uma das calçadas, olhou para a Flávia sorrindo e disse:

— Chegamos!

— Chegamos a onde?

— Na pizzaria. Sua comida predileta não é pizza?

— Não, mas não precisa. Aqui deve ser caro.

Max era um garoto de classe média alta, mas não chegava a ganhar muito dinheiro dos pais nem sequer tinha uma mesada fixa. Contudo o garoto economizava bem todo dinheiro que ganhava, pelo menos até começar a namorar a Flávia.

— Eu faço questão, vamos entrar.

Flávia sentia que uma desfeita geraria uma grande decepção em seu namorado e aceitou o “presente”. Após trancarem a bicicleta, entrarem no recinto e se sentarem em uma mesa o atendente foi em direção aos garotos para anotar os pedidos. Max não gostava de pizzas e nem estava com muita fome, mas pediu um salgado e um suco de laranja para que Flávia não ficasse muito sem graça de comer sozinha. Já Flávia pediu um pedaço de pizza de calabresa acompanhado de um suco de abacaxi. Quatro dias antes Max tinha ido ao estabelecimento checar se serviam suco de abacaxi, pois se não aquela pizzeria não convinha.

— Eu tenho uma coisinha para você.

— Mais?

Max abriu sua mochila e pegou um recorte de uma revista, retalho bem pequeno.

— Dói um pouco em mim trazer isto, mas..

— Uma foto do Rodrigo Santoro? — perguntou Flávia com estranhamento.

— Estou tentando fazer do seu dia o melhor possível. Estou com uma camiseta da sua cor predileta (verde), ouvimos música – seu hobby –, te trouxe para comer pizza e tomar suco de abacaxi e estou te dando uma foto do homem que você acha mais bonito.

Flávia sorriu levemente dando depois um beijo em Max.

— Mas não tinha uma foto maior, não? Quase não dá para ver ele.

— Eu gosto de você, mas não sou santo... — respondeu de forma descontraída Max.

— Ai ai, só você!

— Não, mas ainda tem mais!

— Mais o que?

— Tem esse caderno com todas as letras e traduções de todas as músicas dos Hanson... — disse Max após pegar um caderno na mochila.

Max tinha pesquisado na Internet as letras e as traduções das músicas, as impresso na sua casa mesmo e levado a uma papelaria para encadernar as páginas.

— Ah, deve ter dado um trabalhão... Adorei! Obrigada mesmo!

— Mas quem disse que acabou? — perguntou Max com uma expressão cômica. — Também te trouxe esta fita com os dois últimos episódios de Gilmore Girls. — disse Max, pegando o VHS que também estava na mochila.

— Meu Deus, e nem é meu aniversário... Você é uma graça mesmo! Para que tudo isso?

— Ninguém vai estranhar de te ver com uma fita de vídeo não, né? Dá para você falar para sua mãe que foi uma amiga que emprestou, não dá?

— Dá sim... Nossa, mas amei os presentes mesmo!

Com estas surpresas Max matou dois coelhos com uma tacada. Ele mostrou que prestava atenção nas palavras que a menina dizia e que se importava muito com ela. Mas o mais importante é que estava fazendo o sorriso de Flávia ser algo rotineiro, estava – como disse que buscaria com empenho no poema – dando momentos de alegria à sua namorada. Ela lhe deu alguns beijos entre os diálogos que ocorreram quando o garoto estava lhe entregando os presentes, poucos e breves já que o ambiente estava com razoável clientela deixando um pouco tímida a reservada garota.

— Se quiser toda semana eu gravo para você os episódios. Só que meu vídeo não está lá essas coisas, a imagem não sai uma maravilha.

— Que isso... Só de ter gravado já está ótimo! Se puder gravar vou adorar sim! Eu fico sem graça de não ter te trazido nada...

— Ah pára...

Max pensando brevemente sentia que confirmava o que tinha pensado ao elaborar aquelas manifestações de carinho, de que teria que manejar nas surpresas que fazia para a menina. Não podia colocá-la numa situação em que se sentisse mal por não ter preparado algo a ele, “até por que não há sentido para isso”, pensava Max. O bem que lhe fazia a companhia de Flávia era inestimável, sendo o melhor presente.

— No próximo encontro a gente vai a onde? — perguntou Flávia.

— Não sei. A gente poderia ir ao cinema.

— Você está louco! O shopping é lotado, alguém pode ver a gente. E eu também não tenho dinheiro para ir ao cinema.

— Eu pagaria, mas está certa, veriam a gente. Quer ir em algum lugar?

— Eu gostaria de ir àquele parque de novo. Mas olhe não quero que gaste tanto dinheiro comigo, tá? Faremos passeios a partir de agora que não gastemos dinheiro, *ok*?

— Tá, eu entendo, está certa.

O *feeling* de Flávia era fantástico. Quando seu namorado podia começar a ficar chateado pensando que ela poderia estar brava por ele estar pagando várias coisas a ela, a garota solta uma frase doce e gentil:

— Só me importa estar do lado do namorado mais lindo do mundo!

Max não sabia o que dizer, se deveria soltar algumas palavras de forma descontraída ou devolver a ela um elogio... Simplesmente sorriu após as palavras da garota. Ela ainda soltou mais alguns elogios que o deixaram ainda mais desnorteados.

— Agora vamos embora que está tarde. — disse Flávia.

— Está bem.

Max pagou a conta e eles saíram em direção à farmácia que se encontraram, esta próxima, não por acaso, a casa de Gisele, que por sorte deles é longe da casa e da escola de Flávia.

— Dá quanto tempo da sua casa até aqui? — perguntou Max assim que chegaram a farmácia.

— Ah, dá vinte minutos.

Max ficou meio chateado de ter que deixar a menina tão longe de casa, mas sabia que era necessário ter aquela precaução. Combinaram ali mesmo de se encontrarem na próxima segunda-feira, uma semana depois daquele encontro. Flávia queria que sempre que possível não tivessem a intermediação de Carolina. “Para que incorrer em riscos desnecessários?”, pensava a menina.

Após se despedir de Flávia Max em sua bicicleta se encaminhava para sua casa. Seus pensamentos chegavam a uma única conclusão: “perfeito! O dia foi perfeito!”. Veria depois que o

dia foi quase perfeito, pois o fato de Gabriel o ter visto lhe traria alguns problemas.

As primeiras adversidades

Terça-feira, 9 de outubro de 2001, Max chegou ao colégio e Gabriel caminhou em direção a ele, saindo de um grupo que se encontrava cochichando.

— Max! — chamou Gabriel.

— Fala.

— Como foi o passeio ontem?

— Que passeio?

— Como assim “que passeio?”! Eu te vi ontem andando de bicicleta carregando a Flávia.

Max ficou extremamente tenso ao ouvir aquilo. “Eu não acredito! Que droga!”. Procurou logo se acalmar e disfarçar.

— Que Flávia?

— Como “que Flávia?”. A que estudou com a gente.

— Você deve estar se confundindo. Ontem eu saí de bicicleta, mas com uma prima minha.

— Que prima sua o que! Eu vi, era a Flávia!

— É, e de noite eu saí com a Ana Paula Arósio! — afirmou Max em tom irônico. — Por que que eu ia mentir Gabriel?

— Você pode ter mil motivos... Mas só quero saber de uma coisa: a pegou?

Max ficou com uma vontade tremenda de dar um tabefe no rosto de Gabriel, mas sabia que não podia fazer aquilo. Além de poder pegar uma advertência ou até suspensão seria uma admissão de que realmente passeou com Flávia no dia anterior.

— Tá perguntando sobre a Flávia ou a Ana Paula Arósio? Vai se tratar amigo! — disse Max num tom que as pessoas que estavam ao redor pudessem ouvir.

Até então Max e o garoto não tinham nenhuma amizade nem inimizade. Gabriel era um menino que conversava com boa parte da turma embora poucos eram amigos mais próximos dele. Era um moleque um pouco arrogante, que às vezes até procurava fazer pose

de *bad-boy*, mas nada que o tornasse anti-sociável. Max sabia que caso alguém desconfiasse de seu namoro poderia acontecer uma gozação, principalmente se negasse, e de certa forma sentia-se com sorte por ter sido Gabriel o colega que acabou o vendo sair com Flávia. “Bom também ele ter desrespeitado a Flávia”, pensou. Ele não queria fazer um amigo ser taxado por mentiroso. Inocente Max! Embora tenha pairado uma dúvida em seus colegas a grande maioria acreditava que a outra versão era a verdadeira. Pudera também, o menino que nunca havia falado com a prima de Flávia conversou com ela alguns dias e naquele diálogo com Gabriel demonstrou grande nervosismo.

A versão dele da história que teve que ser elaborada em poucos segundos não se mostrou a mais adequada. Passaram mil pensamentos pela cabeça de Max, sentia como que ali poderia estar nascendo o fim de seu namoro. “Como que a gente foi dar uma bobeira dessa?”, pensou. “Mas um grande homem sempre conseguirá sobreviver às adversidades”. Procurou pensar durante as aulas antes do intervalo o que faria para tentar amenizar a situação.

Após ficar um bom tempo pensando já tinha bem claro na sua mente a atitude que devia ser tomada. Decidiu que deveria admitir que carregou Flávia em sua bicicleta, mas que o ideal não era procurar conversar novamente com Gabriel e sim conversar com alguns de seus colegas mais próximos que fariam com que rapidamente sua versão da história disseminasse.

No intervalo, quando o garoto estava com mais três amigos, confirmou para estes que realmente carregou a garota na bicicleta. Falou que a encontrou no centro da cidade e que a menina ao lhe ver perguntou se sabia onde era uma loja de discos que ela iria para encontrar uma amiga chamada Gisele e que, então, ele lhe deu carona. Procurou uma versão que fosse plausível mesmo se soubessem do fato de Flávia ter falado para a mãe que ia até a casa de Gisele – neste caso seus colegas teriam que acreditar que a menina mentiu quando disse que estaria com sua amiga na casa dela. Max falou também que negou para Gabriel o fato pois já tinha ouvido como a família da menina era religiosa e também para evitar

alguns comentários bobos, sabendo que parte da sala achava que ele gostava de Flávia na época em que ela estudava naquele colégio.

— E as suas conversas com Carolina? — chegou a perguntar um de seus colegas?

— Tá... Eu quero tentar me reaproximar de Flávia e estou pedindo para ela me ajudar. Eu de fato gosto dela, mas não contem para ninguém por favor, tá?

O garoto mostrou ser um excelente ator! A história parecia admissível para seus amigos até por verem em Max uma figura tímida demais para, depois que Flávia saiu do colégio, conseguir conquistá-la e namorá-la.

Na saída da escola Max percebeu que sua versão já tinha sido apresentada a alguns outros colegas e que, aparentemente, a idéia estava se mostrando boa. Voltando para casa bem pensativo se sentia extremamente aliviado. Tinha passado por um tremendo teste e era impossível dizer que ele não estava tenso enquanto executava o plano que elaborara. Concluía que talvez tenha conseguido até a proeza de transformar um problema numa situação favorável. Caso o pai de Flávia descobrisse ou quando ela resolvesse contar do namoro já havia uma versão razoável: o reencontro dos ex-colegas não foi combinado, mas sim na rua e, pelo menos na visão de Flávia até então, ocasional. “Ela foi vítima das armações de Carolina”, pensava rindo Max.

Apesar de conseguir contornar bem aquela situação o garoto sabia que aquele imprevisto exigia que ele e sua namorada tivessem uma maior precaução. Queria já alertar a Flávia sobre o fato ocorrido, mas se tivesse conversado com Carolina no mesmo dia poderiam haver desconfianças embora a desculpa dada tenha lhe dado margem para poder, quando necessário, conversar com a prima de sua namorada. “Mas melhor falar com ela só amanhã”, pensou Max.

À tarde, já em sua casa, Max lembrou que sua irmã – três anos mais velha – tinha um CD do The Corrs e resolveu pegá-lo para ouvir, já que a música de seu romance com Flávia era daquela banda. Enquanto isto Flávia estava em seu quarto conversando com sua amiga Gisele e, juntas, pensavam em alguma surpresa que a garota

poderia fazer para Max. O último encontro causou um grande vislumbre na menina, que a cada dia estava mais encantada com o garoto.

Naquela mesma tarde Max elaborou dois bilhetes: um que entregaria à Carolina e outro que pediria à menina para entregar à Flávia. O bilhete que daria à Carolina contava que Gabriel o viu junto com Flávia, suas ações após o fato e pedia para que, caso necessário, confirmasse a versão dele. Já o bilhete para Flávia além de contar dos fatos ocorridos dizia que deveriam se encontrar diretamente no parque.

Na quarta-feira assim que chegou a escola Max entregou os bilhetes à Carolina e pediu para que lesse o destinado a ela no primeiro período de aulas para que depois no intervalo conversassem. Na mensagem escreveu para que eles se encontrassem num pequeno corredor que era próximo à diretoria, local geralmente mais vazio.

— E então, você acha que pode fazer este favor para mim? — perguntou Max no início do intervalo no lugar combinado.

— Você quer que eu compre toda a culpa caso descubram o namoro de vocês?

— Você não estaria comprando toda a culpa sozinha. Comprariamos juntos, apenas tirando a culpa um pouco dos ombros de Flávia. Não acredito que o pai dela veja diferença entre você ajudar um garoto a encontrá-la ou ser uma intermediária de um namoro às escondidas da filha dele. De qualquer forma você é cúmplice e de qualquer forma você sabe que em nada afetará a sua vida o que ele pensar de você.

— Não sei se está certo, mas tudo bem.

— Tá bom, muito obrigado. Obrigado mesmo! Eu só vou te pedir um último favor.

— Ai... Qual?

— Tome este bilhete, amanhã a gente conversa. — falou Max, entregando um pedaço de papel.

Felizmente tudo corria bem e Max estava contente pelo fato de poder contar com a ajuda de Carolina. No entanto era inevitável não ficar apreensivo. Assim que terminou a conversa com a menina

olhava para os lados para ver se ninguém estava o vigiando. Ele sabia que um pequeno deslize dos dois e eles colocariam tudo a perder.

No dia seguinte tal como combinado Max e Carolina voltaram a conversar:

— Carolina. — chamou Max no intervalo.

— Oi.

— Você sabe quando a Flávia sairá de novo?

— Não, não sei.

— Não tem nenhuma informação?

— Não sei de nada.

— Como assim não sabe de nada?!

— Max escute bem, eu não quero mais rolo, tá?

— Não muda nada o fato do Gabriel ter me visto e eu vou tomar mais cuidado agora.

— Se a Flávia fica sabendo disto, se a família dela... Não dá, não posso mais te ajudar.

— Carolina não faz isto comigo. — disse Max simulando uma expressão contrariada.

— Eu não posso, peça para outro amigo seu. Eu não posso!
— falou Carolina em tom mais alto.

— Ei, você está louca! Fala mais baixo...

As duas últimas frases de Max no bilhete que mandou a Carolina resumem muito bem o que estava sendo aquele diálogo: “A gente vai, literalmente, comprar a história. A partir de agora aquela versão é a real”. Estavam cumprindo praticamente um roteiro teatral elaborado por Max. O menino realmente estava fazendo de um contratempo uma forma de tentar viabilizar o seu namoro. E aquilo tudo também lhe soava bem divertido. A partir daquele dia ele e Carolina só poderiam falar como personagens daquela versão dos fatos inventada pelo garoto, e aquela primeira “conversa teatral” teve o resultado esperado conseguindo dar ainda mais credibilidade à história que contou a seus colegas mais próximos.

Max quando escreveu o bilhete sabia que Carolina iria entregá-lo a resposta de Flávia a sua mensagem naquele dia e então pediu também no escrito para que Carolina desse o bilhete de sua namorada a professora Rosângela pedindo-a que entregasse a ele na

aula que daria após o intervalo. Ele não sabia o que a professora poderia pensar, mas sentia a necessidade do apoio das pessoas do colégio que confiava.

Rosângela, que era a professora de inglês, entregou o bilhete um pouco após o término da aula quando já haviam poucos alunos na classe.

— O que é isso? Por que a Carolina não te entregou diretamente?

— Leia. — disse Max um pouco tímido.

No bilhete Flávia apenas dizia que tudo bem de se encontrarem no parque e que, como medida de precaução, iria com Gisele ao encontro – a menina inicialmente não gostou da idéia de acompanhar os namorados em seu passeio, mas Flávia conseguiu convencê-la a ir. E Flávia, como em todos seus bilhetes, assinou escrevendo “de sua namorada”.

— Um bilhete de uma namorada? — perguntou a professora após ler.

— De Flávia que estudou na minha sala até ano passado, um namoro às escondidas. — disse Max com um nervosismo que refletia sua timidez. — Não sei se entende a situação, só saiba que eu precisava de uma pessoa neutra e de confiança que intermediasse a nossa comunicação.

Max tentava de todas as formas terminar a conversa. Não queria ficar expondo toda a situação.

— Não quer conversar?

— Eu não sei, tenho que ir. Muito obrigado mesmo por fazer este favor.

Rosângela era a professora preferida de Max, no entanto ele não se sentia confortável em se expor tanto para uma pessoa no qual não tinha muita liberdade. Não sabia também se ela iria compreendê-lo e se ele conseguiria se expressar bem conversando com ela. Naquele momento só existia uma pessoa na qual lhe interessaria contar do namoro ou pedir conselhos: Carina. Mas a menina estava estudando à noite e há muito tempo ele não tinha contato com ela.

Quando chegou em seu quarto na volta da escola naquele dia o garoto simplesmente parou e respirou fundo. “Felizmente está tudo

dando certo!”, pensava o menino visivelmente desgastado mentalmente. O namoro deles aparentemente sobrevivia, e sem aparelhos, àquelas diversidades.

Talvez se possa dizer que geralmente as mulheres sentem medo do término de um namoro quando estão ou pensam que estão apaixonadas e que os homens, independente de qualquer sentimento mais forte, sentem medo quando temem a solidão. Contudo, o que Max temia não era a solidão. O garoto tinha receio do fim de um sonho, o fim de uma história que poderia ser muito bela, o término de uma relação que ele imaginava que só poderia gerar um único resultado: um grande amor.

Altruístas

Passados quatro dias havia chegado a data do novo encontro entre Max e Flávia. O garoto foi o primeiro a chegar no parque Ophélie e ficou esperando à sua namorada próximo à árvore que conversaram no encontro anterior, local onde tinham combinado de se encontrar.

Alguns minutos antes das catorze horas, horário combinado do encontro, Max sentado e encostado na copaíba avistou duas meninas em uma bicicleta indo em direção a ele: Flávia e Gisele. “Como eu tenho bicicleta não há motivos para irmos de ônibus ao parque”, tinha dito Gisele à Flávia quando saíram da casa da primeira.

— Max, essa é a Gisele, minha amiga que está nos ajudando. E Gisele, esse é o Max. — apresentou-os Flávia.

— Então você que é o menino que é uma graça? — perguntou Gisele.

— Não, eu sou o namorado da menina que é uma graça. — respondeu o garoto lançando um breve sorriso. — E você parece que é então a melhor amiga da menina que é uma graça.

— É. — disse Gisele com um breve riso.

Flávia apenas acompanhou o diálogo meio encabulada, mas também orgulhosa com o elogio de seu namorado. Alguns instantes depois reparou que Max havia levado uma mochila, que estava encostava à árvore.

— De mochila de novo?! O que que tem aí?

— Ah, fique tranqüila. Só tem uma chuteira e uma camisa – se eu falei que vou jogar futebol tenho que mentir direito – e três garrafas de suco que eu trouxe para gente tomar: uma de abacaxi, uma de morango e uma de laranja. Uma para cada uma! Podem escolher o sabor que eu não tenho preferência.

— Abacaxi não podia faltar, né?

— Garanto que não vou trazer mais suco de abacaxi se não vou fazê-la enjoar deste suco. — disse Max em tom descontraído.

— Muito obrigada Max, estou morrendo de sede. Se não tem preferência então vou ficar com o de morango. E se vocês quiserem caminhar pelo parque ou ficarem sozinhos em outro lugar tudo bem. Vou ficar aqui estudando para uma prova que temos quarta. — disse Gisele, que também tinha levado uma mochila em suas costas.

Max disse que ele e Flávia iam trancar as bicicletas, caminhar um pouco e que voltariam logo, para o caso da menina mudar de idéia.

Quando o garoto se encaminhava para trancar as bicicletas Flávia pediu para que trancasse apenas a de Gisele, pois queria que ele a carregasse na dele para que ela pudesse conhecer todo o parque. O parque Ophélie é grande considerando que Monte Mabel trata-se de uma pequena cidade interiorana, tendo o percurso principal do parque quase um quilômetro de extensão. A menina gostava muito daquele local, com àquelas imensas árvores, seu belo lago, pequenas trilhas, sendo que toda aquela paisagem era desfrutada por poucos visitantes, o que dava uma calma ao ambiente.

Antes de voltar a pedalar na bicicleta Max abriu sua mochila que carregava nas costas e pegou duas folhas.

— Toma. — entregando uma das folhas para Flávia

— O que é isso?

— Ontem eu peguei na Internet a letra e a tradução de “So Young” do The Corrs. Nesta folha eu deixei cada verso em negrito com sua tradução logo abaixo.

— Está ouvindo The Corrs é?

— Minha irmã tem um CD deles, Talk on Corners. E eu gostei dessa música e acho que a letra combina com a gente.

— Eu tenho esse CD. Gosto desta música, obrigada.

— Não, mas não estou só te dando a letra. Vamos cantá-la!

— O que?

— Um dueto. Agora é a sua hora de provar que gosta de mim.

— Humn.

Max queria mostrar para Flávia que estava perdendo sua timidez. Embora tivesse um pouco de embaraço de cantar em público

Flávia gostou da idéia. Além do que cantar com Max não seria uma grande provação para ela sendo que haviam poucas pessoas ao redor deles no clube.

Já andando de bicicleta, com Flávia segurando o *discman*, Max pediu para que ela passasse para a faixa seis do CD que estava tocando, Talk on Corners. A faixa era justamente So Young. Embora houvessem poucas pessoas no parque estas eram capazes de deixar Max bem inibido e nervoso com a ação que ele mesmo propôs. A música começou a tocar e Max segurava o guidão da bicicleta com uma das mãos e com a outra segurava a folha com a letra da faixa que tocava, porém ele somente lia sem cantar a faixa que estava sendo executada.

— Ei, não era para você ter começado a cantar?!

— Não, eu sei, só que eu me perdi.

— Se perdeu. Humn. Vamos fazer assim: eu começo cantando aqui e aí a partir daqui a gente vai se revezando. Tá?

— Tá bom.

Flávia colocou a faixa novamente em seu início e começou a cantar:

— *Yeah, yeah, yeah, yeah, yeah. Yeah, yeah, yeah, yeah, yeah.*

Flávia fez esta parte introdutória da letra da forma mais desafinada possível e também de uma forma um pouco gritada, chamando um pouco a atenção das poucas pessoas que caminhavam próximas a eles no parque. Max chegou a olhá-la de uma forma pensando “O que você está fazendo?”, mas rapidamente percebeu. Se a Flávia não se sentia envergonhada fazendo aquilo por que ele deveria ter vergonha de cantar. Mas o fato é que ele ainda seguia bem acanhado.

— *We are taking it easy, bright and breezy, yeah* (Nós estamos indo com calma, brilhante e alegre, sim). *We are livin' it up just fine and dandy, yeah* (Nós estamos a viver muito bem e dândi, sim). — cantava Flávia animada e desafinada.

— *And it really doesn't matter that we don't eat* (E realmente não importa que nós não comemos). — cantou em tom baixo um Max tímido.

And it really doesn't matter if we never sleep (E realmente não importa se nós nunca dormimos).

No, it really doesn't matter, really doesn't matter at all (Não, isso realmente não importa, realmente não importa nada). — cantou Max dessa vez um pouco mais animado.

— É o refrão agora, bem alto!

E começaram a cantar os dois o refrão:

'Cause we are so young now, we are so young, so young now (Porque nós somos tão jovens agora, nós somos tão jovens, tão jovens agora). *And when tomorrow comes we can do it all again* (E quando o amanhã vier nós simplesmente faremos tudo novamente).

As primeiras palavras de Max no refrão ainda saíram de forma um pouco tímida, mas ele rapidamente foi contagiado pela animação de Flávia. Os dois continuaram a canção revezando os versos e um olhava para o outro quando cantavam como se estivessem interpretando o que diziam.

— *We are chasin the moon just runnin' wild and free* (Nós estamos perseguindo a lua apenas correndo selvagem e livremente).

— *We are following through every dream and every need* (Nós estamos levando à risca cada sonho e cada necessidade).

Aquilo tudo poderia parecer infantil, até bobo se fosse feito por um casal adulto, mas como se tratava de um casal de jovens de catorze anos aquilo soava doce, pois retratava como um tinha a facilidade de fazer o outro rir e se divertir e como os dois se esforçavam para ver o outro alegre. Cantavam alto, balançavam a cabeça, num clima de extrema descontração e com um sentimento de liberdade. O livre-arbítrio, o riso e a alegria talvez sejam inerentes ao ser humano, só que as pessoas parecem esquecer disso quando adultas. Luís Fernando Veríssimo disse: “Mas eu desconfio que a única pessoa livre, realmente livre, é a que não tem medo do ridículo”. Pode se dizer que a desconfiança dele é bem fidedigna.

Após terminarem de cantar a canção comentaram o que fizeram aos risos, o olhar de algumas poucas pessoas para eles, etc. Estavam radiantes e suas feições eram as que talvez ilustrassem melhor a palavra felicidade.

Seguiram ouvindo as faixas daquele CD e passeando sobre a bicicleta pelo parque indo aos locais que não tinham conhecido quando foram da primeira vez. Continuaram até que Flávia viu um balanço de ferro. “Eu sempre quis que meu namorado me empurrasse num destes balanços”, pensou a menina. A garota não resistiu e pediu para Max parar e a empurrá-la naquele brinquedo.

Max fez o pedido pela menina e ficou empurrando-a no balanço. Os dois seguiam bem contentes. “Cena para um filme sobre um primeiro amor”, pensava Max. Os pensamentos dos dois voavam passando por sonhos, reflexões e lembranças.

Quando se encontravam um pouco distraídos, em frente a eles, ligeiramente à esquerda, uma bela borboleta pousou sobre uma margarida. Flávia começou a olhá-la encantada, com o garoto somente observando o deslumbre de sua namorada. Para ela cada momento com Max era fascinante, pois percebia o crescimento de seu sentimento a cada dia enquanto seu namorado já tinha um sentimento consolidado antes mesmo de começarem a namorar.

— É melhor a gente voltar. Vai que a Gisele esteja muito desanimada por estar sozinha. — disse o menino.

— É.

Os dois então foram primeiramente levar a bicicleta para trancá-la e depois ao encontro de Gisele. Quando voltaram para o local onde a menina estava estudando a mesma disse que estava tudo bem e que poderiam seguir passeando, pois continuaria estudando ali. Contudo, os meninos não se mostraram convencidos nem satisfeitos com a resposta da garota e trataram de animá-la. Começaram a “puxar assunto”, com o foco em temas divertidos para facilitar a descontração da garota. Ficaram conversando sobre acontecimentos no colégio, gostos pessoais, programas de televisão, etc. Então, quando Max estava um pouco distraído, Flávia começou a cochichar rapidamente com sua amiga e saiu dizendo que ia ao banheiro, levando consigo a mochila de Gisele. Max sentia que algo estava acontecendo.

— O que vocês cochichavam? — perguntou o garoto.

— Não, nada. Coisa de mulher...

— E por que a mochila?

— Calma...

Alguns minutos depois Max avistou Flávia voltando, mas vestida de uma forma completamente diferente, toda de branco. Mas não estava vestida como uma médica! Estava com viseira, com um discreto vestido, com uma faixa no pulso direito e de tênis.

— Estou tão linda quanto a Martina Hingis?

— Muito mais!

Max estava maravilhado, a menina estava uma graça vestida como uma tenista. Nunca até aquele momento quis tanto ter uma máquina fotográfica. “Um encanto, um charme natural”, pensou o menino. A olhou com o brilho nos olhos que um pintor tem ao terminar sua tela ou um médico tem ao acompanhar a evolução de um ato cirúrgico bem sucedido. A garota também carregava duas raquetes de frescobol, uma bola de borracha e outra faixa de pano.

— Esta é sua. — disse a garota entregando a faixa que estava em sua mão. — Não vou jogar tênis contigo por que não há como aqui e por que também me sairia péssima, mas que tal jogarmos um pouco frescobol?

— Acho ótimo! Max Kuerten? — disse Max lendo o que estava escrito na “munhequeira”.

— É, e eu sou a Flávia Hingis.

As faixas de pano que simulavam munhequeiras eram bem simples, mas Flávia fez alguns retoques para embelezá-las um pouco. Pintou com todo cuidado três listras em cada faixa para simular que as “munhequeiras” eram de uma conceituada fornecedora de artigos esportivos, e a sua combinaria com a viseira emprestada por Gisele que era de fato de tal marca. Na sua faixa também escreveu, simulando uma assinatura, Flávia Hingis, enquanto que na dele escreveu Max Kuerten, fazendo alusão à tenista suíça Martina Hingis e ao tenista brasileiro Gustavo Kuerten (Guga).

— E você que estava desconfiada da minha mochila, hein?

Max ficou extremamente feliz com toda a surpresa. “E tudo isto poderia não estar acontecendo por uma timidez tola”, pensava. Lembrou depois de uma frase de Pablo Neruda: “A timidez é uma condição alheia ao coração, uma categoria, uma dimensão que desemboca na solidão”.

Jogaram frescobol por cerca de dez minutos. Flávia não era uma amante da prática de esportes – embora até gostasse um pouco de jogar voleibol – e Max sabendo disso rapidamente perguntou se a menina queria conversar e descansar um pouco com ele sob uma árvore.

— Mas olha lá, a Gisele tá na nossa árvore estudando.

— Tá com ciúmes da árvore?

— Eu tô. — respondeu Flávia em tom descontraído.

— Mas eu acho que ela não tem ciúme da gente, vai entender se fizermos companhia a outra hoje.

— É.

Os dois pararam de jogar e foram sentar próximo a uma bracatinga e ficaram por ali um tempo, namorando e conversando. Voltaram a ouvir música, o que gerava algumas divergências entre os dois pelo fato da intersecção de seus ouvidos musicais não ser alta embora nada que fizesse realmente um ficar bravo com o outro.

Com Flávia encostada em seu ombro direito o garoto pensava no quão bom seria se soubesse tocar violão. “Que lindo não seria tocar Kiss Me para ela sob esta linda paisagem!”. Mas isso também pouco importava, somente estar com ela já o deleitava. Já Flávia, com todo conforto que detinha ao lado de Max, sentia que talvez fosse o momento de buscar meios para viabilizar a relação deles a longo prazo.

— Sabe uma coisa que eu queria te pedir, seu telefone. — disse Max.

— Você tá louco. Se você ligar em casa pode dar um rolo...

— Não, só para ter, não vou ficar ligando. Para caso de urgência não dependermos de ninguém.

— Não sei, por enquanto melhor não. Vou te passar o telefone da Gisele, ela está sempre comigo, qualquer coisa você liga para ela.

— Tá bom.

Flávia passou o número de telefone de sua amiga. O menino chegou a ficar um pouco chateado por sua namorada não querer lhe passar seu telefone, mas procurou entender a menina.

— Nossa, amanhã vou ter que passar a tarde estudando. — disse a garota com expressão de desânimo.

— Por que?

— Eu tenho prova de Matemática quinta e tem alguns exercícios do livro que eu não estou conseguindo fazer. Eu estou desesperada!

— Você lembra a matéria que cai na prova?

— Sim, Teorema de Tales, os teoremas das bissetrizes e semelhança de triângulos.

— Eu posso estudar com você.

— Não, melhor não.

— Sério, não vou te atrapalhar a estudar.

— E como que eu vou justificar em casa o fato de eu sair na véspera de uma prova?

— Fala que você vai estudar na casa da Gisele.

— Não sei, depois que o Gabriel viu a gente estou meio receosa...

— Podemos então estudar eu, você e a Gisele.

— Ah tá. — disse ironicamente a menina.

— Sério!

— A onde?

— Na biblioteca municipal.

— É, não é má idéia.

— Então, que horas nos vemos amanhã? — disse um prazenteiro Max.

— Calma, vamos ver o que a Gisele acha da idéia.

— Ótimo.

— Ai ai... Você me adora. — disse Flávia com uma expressão sorridente, e logo após olhando seu relógio. — E já são quase cinco horas. Vamos falar com ela agora que daqui a pouco tenho que ir.

Os dois conversaram com Gisele que aceitou a idéia de estudarem juntos no dia seguinte e também não viu problema em Flávia ter passado o seu telefone para Max. “Finalmente uma semana que nos veremos mais de uma vez”, pensou o menino. Após um breve papo entre os três as meninas se despediram do garoto que ao contrário delas não saía do parque em direção a seu domicílio.

O menino assim que se despediu foi direto à biblioteca municipal. Procurou andar o mais rápido que podia na bicicleta, pois não podia chegar muito tarde em sua casa. Pegou dois livros de matemática na biblioteca que continham a matéria que cairia na prova de Flávia e assim que a bibliotecária deu baixa nos livros os colocou na mochila e foi depressa embora.

Max mal dormiu na madrugada de segunda para terça-feira. Ficou estudando e fazendo exercícios acerca da matéria que ajudaria sua namorada a estudar. Não queria que houvesse nenhuma dúvida dela que não conseguisse sanar ou pelo menos queria ajudá-la o máximo possível.

A atitude de Max talvez fosse exagerada, mas era apenas reflexo de como o seu bem-estar dependia do bem-estar de sua namorada. O mesmo podia-se dizer sobre a menina ter preparado uma surpresa ao garoto que a fez jogar um esporte que não gostava. Jamais poderá se chamar de paixão um sentimento que não impulsione atitudes altruístas para com o outro. E, sob este aspecto, a paixão deles não podia ser contestada.